


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARAISA GARDINALI GAIAD

A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES EM EVA ILLOUZ: o fenômeno
da literatura de autoajuda

Araraquara – SP

2019

Maraisa Gardinali Gaiad

A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES EM EVA ILLOUZ: o fenômeno
da literatura de autoajuda

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara-SP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Cultura, Democracia e Pensamento Social

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

Bolsa: CAPES - Brasil

Araraquara - SP

2019

Gaiad, Maraisa Gardinali

A sociologia das emoções em Eva Illouz: o fenômeno da literatura de autoajuda / Maraisa Gardinali Gaiad - 2019

71 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: João Carlos Soares Zuin

1. Sociologia das Emoções. 2. Illouz, Eva. 3. Literatura. 4. Autoajuda. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Maraisa Gardinali Gaiad.

A Sociologia das Emoções em Eva Illouz: o fenômeno da literatura de autoajuda

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, em 26 de março de 2019.

Linha de pesquisa: Cultura, Democracia e Pensamento Social

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

Bolsa: CAPES - Brasil

Data da defesa: 26 / 03 / 2019

Membros componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin - FCLAr/Unesp

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Aparecida Chaves Jardim - FCLAr/Unesp

Membro Titular: Prof. Dr. Ari Fernando Maia - FC/Unesp Bauru

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Universidade Estadual Paulista – Unesp/Araraquara
Faculdade de Ciências e Letras

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, Maria José e Maurício, que de fato tornam possíveis todos os meus sonhos. Obrigada pelo amor incondicional.

Ao Felipe, meu companheiro nesta vida, agradeço pelo amor, pela amizade, pela compreensão, pela paciência e pelo incentivo. Obrigada por me mostrar que a “vida é pra valer, a vida é pra levar...” (Samba pra Vinicius, Toquinho e Chico Buarque).

À Luma, minha amiga nas Ciências Sociais e na vida, agradeço pelas leituras, apontamentos, discussões e momentos únicos de carinho e descontração.

À Mariana e à Ana Laura, presentes que Araraquara me deu, obrigada pelo carinho, pela presença e por me fazerem sentir especial.

À Juliana e à Priscila, amigas de uma vida inteira, obrigada pelo amor fraternal, por sempre demonstrarem uma fé absoluta em mim e por compartilharem suas vidas comigo.

A meu irmão, sogra, sogro, cunhadas, cunhados e sobrinhas, obrigada pelo carinho e por fazerem a minha vida tão feliz.

Ao meu orientador, professor Zuin, agradeço por ter sido a luz no momento de escuridão, pelo carinho e respeito, por ter acreditado e confiado no meu potencial de trabalho.

Aos professores Ari Maia e Maria Jardim, obrigada pela contribuição intelectual e pelo respeito com que trataram o meu trabalho.

Agradeço também ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, campus de Araraquara.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

*“Não é ao sol de uma luminosa manhã, mas de
noite, entre sombras e fadigas, que se acendem
fogos de artificios...”*

Fernando de Azevedo

RESUMO

O trabalho investiga como a condição autônoma dos indivíduos, na sociedade capitalista contemporânea, promove um sentido de liberdade essencialmente utilitarista e privado, que gera a tendência da redução das emoções à forma de mercadoria e de bens de consumo. Pretende-se analisar como a psicologia e os livros de autoajuda voltados para o indivíduo contemporâneo passaram a ter uma importância fundamental na sociedade capitalista atual e como colaboram com o processo de transformação dos afetos e dos sentimentos em produtos notáveis do capitalismo na era global. Em outras palavras, deseja-se discutir, por meio da análise do papel da literatura de autoajuda, como a sociedade capitalista tem transformado paixões e psique ao promover um amplo processo de mercantilização, alienação e reificação das relações amorosas. Nesse sentido, o presente trabalho observa qual subjetividade feminina a literatura de autoajuda voltada para relacionamentos amorosos determina. Metodologicamente, a investigação se deu pela compreensão dos conceitos trabalhados na sociologia das emoções de Eva Illouz, aliados ao emprego da teoria crítica da primeira geração. A teoria crítica foi aplicada tanto na análise de como as “potências formativas” constroem indivíduos, valores e processos sociais que promovem a estabilidade e a reprodução das estruturas sociais das quais necessitam quanto na análise da fragilidade da vida privada, como produto das instituições integrantes do “mercado afetivo”. A pesquisa ainda analisou três livros de autoajuda, *best-sellers* no Brasil, voltados para a temática de relacionamentos amorosos – *Mulheres inteligentes, relações saudáveis*; *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* e *Casamento blindado* –, com o objetivo de apreender o padrão comportamental feminino que esta potência formativa peculiar, a literatura de autoajuda, procura estabelecer. Por sua vez, ela reitera o esforço de seus autores na manutenção do *status quo* machista e sexista.

Palavras-chave: Autoajuda. Eva Illouz. Sociologia.

ABSTRACT

The work investigates how the autonomous condition of individuals in contemporary capitalist society promotes an essentially utilitarian and private sense of freedom, which generates the tendency to reduce emotions to the form of commodities and consumer goods. It is intended to analyze how psychology and self-help books geared towards the contemporary individual have come to have a fundamental importance in today's capitalist society and how they collaborate with the process of transformation of affections and feelings into remarkable products of capitalism in the global era. In other words, it aims to discuss, through the analysis of the role of self-help literature, how capitalist society has transformed passions and psyche by promoting a broad process of commodification, alienation, and reification of love relationships. In this sense, the present work observes which female subjectivity the literature of self-help focused on amorous relationships determines. Methodologically, the investigation came about by the understanding of the concepts worked in the sociology of the emotions of Eva Illouz allied to the use of the critical theory of the first generation. Critical theory was applied not only in the analysis of how the "formative powers" construct individuals, social values and processes that promote the stability and reproduction of social structures they need, but also in the analysis of the fragility of private life as a product of institutions of the "affective market". Besides, the survey reviewed three best-seller self-help books in Brazil, focused on romantic relationships – *Mulheres inteligentes, relações saudáveis*; *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* and *Casamento blindado* – with the purpose of apprehending the female behavioral pattern that this peculiar formative power, the self-help literature, seeks to establish. In turn, it reiterates the author's efforts to maintain the male chauvinism and sexist *status quo*.

Keywords: Self-help. Eva Illouz. Sociology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	AS EMOÇÕES NO CAPITALISMO DA ERA GLOBAL.....	10
2.1	A liberdade e a autonomia individual como valores centrais da dinâmica capitalista moderna	10
2.2	A sociologia das emoções.....	17
2.2.1	A sociologia das emoções em Eva Illouz	22
2.2.2	Illouz: consumo e amor romântico	28
3	AUTOAJUDA E VIDA EMOCIONAL.....	36
3.1	Dominação e sofrimento.....	36
3.2	O discurso terapêutico de autoajuda	43
3.2.1	A promessa de felicidade na literatura de autoajuda (relacionamentos amorosos)	52
3.2.2	O padrão emocional feminino estabelecido no Brasil pelos <i>best-sellers</i> sobre relacionamentos	59
4	CONCLUSÃO.....	64
	REFERÊNCIAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho procurou investigar a forma como a condição autônoma dos indivíduos na sociedade capitalista contemporânea promove um sentido de liberdade essencialmente utilitarista e privado, que gera a tendência da redução das emoções à forma da mercadoria e de bens de consumo. A desregulamentação axiológica e ideológica do amor e da estima provocou uma ampliação das possibilidades eletivas para os indivíduos, ao mesmo tempo em que impulsionou o vertiginoso aumento dos sentimentos de incerteza e de insegurança na vontade subjetiva sempre ameaçada pelo fracasso. A condição de vida autônoma teria nos colocado numa nova *Erlebnis*¹ (BENJAMIN, 1994) que nos estimularia a buscar fora de nós mesmos pontos de referência, promessas de felicidade e fórmulas de sucesso. Na nova *Erlebnis*, o controle emocional realizado pelos produtos ofertados pelo “mercado emotivo” (ILLOUZ, 2011) elaboraria um significado e um estilo de vida que possibilitaria a formação de um repertório cultural compartilhado pelo desempenho de uma função disciplinar, compatibilizando as emoções com a cultura dominante.

A autonomia individual, portanto, exposta aos diversos riscos que atormentam o indivíduo na sociedade de alta performance, encontra no mercado emocional uma diversidade de ideais sobre saúde mental e bem-estar psíquico, bem como fórmulas para a construção de um eu “positivo” de elevada autoestima, produtivo e performático. Assim, os afetos e os sentimentos passaram a ser um dos principais produtos do capitalismo na era global e, nessa perspectiva, a “*emodity*” (ILLOUZ, 2019) literatura de autoajuda – voltada para o indivíduo sempre afetado pelo medo de não estar à altura das exigências para ser feliz na própria vida e nos relacionamentos amorosos – passou a ter uma importância fundamental na sociedade capitalista contemporânea. A Literatura não mais apenas descreve e narra a complexidade da existência, mas exerce agora as difíceis tarefas de significar uma realidade esvaziada do sentido de permanência e de eternidade, e de diferenciar a direção e o significado das ações e dos interesses nas diferentes formas de vida (ZUIN, 2018). Assim, essa “potência formativa” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) realiza a colonização da subjetividade a partir do discurso terapêutico empregado pela “psicologia positiva” (ILLOUZ, 2018), que constrói o indivíduo e os valores e processos sociais que promovem a estabilidade e a reprodução das instituições e estruturas sociais dominantes. Nesse sentido, o trabalho observou qual

¹ Forma de vivência pessoal atomizada e privada, descrita por Benjamin (1994), própria do indivíduo na grande cidade, sem vínculos com o passado e com a comunidade, metrificada pelo valor da utilidade e da eficácia.

subjetividade feminina determina a literatura de autoajuda voltada para relacionamentos amorosos.

Metodologicamente, a pesquisa se orientou pela sociologia das emoções desenvolvida por Eva Illouz, bem como pelos conceitos trabalhados pela autora. Deteve-se ao olhar de Eva Illouz sobre o papel das emoções e dos sentimentos, devido à riqueza e perspicácia da sua análise crítica acerca da cultura do capitalismo tardio. A teoria crítica da primeira geração, por sua vez, se ocupou tanto da análise sobre a formação da subjetividade dos indivíduos pelas “potências culturais formativas” (HORKHEIMER, 1974), ofertadas pela “indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) atual, quanto na investigação da fragilidade da vida privada, principalmente a feminina.

O primeiro capítulo, intitulado *As emoções no capitalismo da era global*, procura, a partir da liberdade e da autonomia, valores institucionalizados pela cultura ocidental, expor os processos de subjetividade desenvolvidos pela cultura do consumo na modernidade tardia. Expõe a gênese da sociologia das emoções e seus propósitos enquanto um campo sociológico de análise, introduzindo a sociologia de Eva Illouz. Nesse ponto, identifica os conceitos trabalhados pela autora na compreensão do “capitalismo emocional” (ILLOUZ; CABANAS, 2018), ou seja, na compreensão da relação cada vez mais estreita entre consumo e sentimento, e, em seguida, trata da relação nada óbvia entre o consumo e o amor romântico.

Autoajuda e vida emocional é o título do segundo capítulo que se inicia discorrendo sobre a dominação da vida, por meio da colonização das subjetividades individuais, e também sobre os sofrimentos psíquicos decorrentes desse processo. Em seguida, descreve o discurso terapêutico de autoajuda e o novo “estilo de pensamento” – que é também um “novo estilo emocional” (ILLOUZ, 2011) – que ele organiza tanto no mundo do trabalho quanto na esfera íntima da vida. Depois, apresenta a promessa de felicidade alimentada pela literatura de autoajuda sobre relacionamentos amorosos. Aqui, os livros de autoajuda são “*emoditys*” (ILLOUZ, 2019) extremamente significativas da “indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) atual. Por último, demonstra qual é o padrão emocional feminino brasileiro estabelecido por esse “*apparatus*” (MARCUSE, 1998), por meio da análise de três exemplares da categoria *best-sellers* sobre relacionamentos.

2 AS EMOÇÕES NO CAPITALISMO DA ERA GLOBAL

2.1 A liberdade e a autonomia individual como valores centrais da dinâmica capitalista moderna

As grandes transformações sociais, iniciadas na Europa no século XVIII, com o início do capitalismo, e desenvolvidas ao longo dos dois séculos seguintes, tiveram como valor fundamental a liberdade: a liberdade social e a liberdade de escolha². A liberdade política é uma categoria da liberdade social que compreende a relação de liberdade entre os cidadãos, ou grupos de cidadãos, e o governo. No entanto, o mesmo entendimento de liberdade política foi ampliado para atender a outros anseios como o de liberdade econômica, por exemplo (BOBBIO *et al.*, 2010).

O liberalismo enquanto espírito da era moderna³ teve seu germe no seio das novas concepções de homem que se constituíram na Europa a partir da metade do século XIV até o final do século XVI. O Renascimento rompeu radicalmente com as estruturas sociais vigentes – até a Idade Média – ao retomar princípios da Antiguidade Clássica como o racionalismo, a ciência e a natureza, estabelecendo um novo papel para o homem: o homem como potência central e criadora do universo e não unicamente submetido aos dogmas e ao misticismo religioso – antropocentrismo. Na segunda década do século XVI,

[...] a Reforma protestante – principalmente o calvinismo – traz a doutrina do livre exame, derruba o princípio de uma hierarquia eclesiástica como órgão de mediação entre o homem e Deus, emancipando assim a consciência do indivíduo, ministro do Deus verdadeiro, que pela ascese no mundo (e não fora dele) pode disciplinar racionalmente toda a própria vida (BOBBIO *et al.*, 2010, p. 695).

A motivação inicial da Reforma foi a crítica aos abusos da Igreja Católica – como o pagamento de indulgências –, mas o movimento cristão se transformou em reforma religiosa e em revolução cultural. Rejeitando a tradição e exaltando o pensamento racional e científico, a Reforma desgastou consideravelmente o pensamento dogmático, revolucionando os modos e os costumes. O apogeu, principalmente o político, dessa reforma cultural se deu ao longo

² Entendemos liberdade social (ou interpessoal) como as interações entre atores, pessoas ou grupos, que se deixam livres para agir de acordo com a vontade de cada um. Sendo assim, o ator se torna socialmente não-livre quando é impedido por outro de realizar suas ações. Já a liberdade de escolha designa a relação entre o ator e um determinado número de ações possíveis para sua escolha (BOBBIO *et al.*, 2010).

³ Modernidade é aqui definida pelo período de tempo compreendido entre meados do século XVIII – Iluminismo – e, aproximadamente, 1985 (GIDDENS; SUTTON, 2016).

dos dois séculos seguintes com o Iluminismo, que, rejeitando radicalmente a tirania habitual das instituições tradicionais e promovendo o lema “liberdade, igualdade e fraternidade”, reestruturou a sociedade. Podemos afirmar, finalmente, que “[...] a liberdade religiosa é o berço da liberdade moderna” (BOBBIO *et al.*, 2010, p. 697).

O ideário moderno de liberdade modificou também a dinâmica das relações econômicas. Entre o século XV e o início do XVIII, vigorou o sistema econômico mercantil⁴ que manteve os princípios tradicionais de autossuficiência e de valorização da produção interna, além de regulamentar o inédito caráter competitivo do mercado nacional. No período seguinte, o liberalismo econômico – sustentando a desregulamentação estatal para as atividades econômicas nacionais e internacionais, com base no princípio da livre busca pela felicidade por cada indivíduo – promoveu uma transformação substantiva na estrutura social. Para que sua ideia de mercado autorregulável⁵ fosse exequível, uma nova ordem lógica era necessária: tudo o que fosse produzido deveria ser comercializado, vendido, transformado em mercadorias⁶. Foi dessa maneira que o trabalho, a terra e o dinheiro se tornaram mercadorias, “[...] destruindo totalmente o tecido tradicional da sociedade” (POLANYI, 1980, p. 89), e afirmaram o credo liberal como salvador dos homens por meio do mercado.

Contudo, ao longo do século XIX e XX, a regulamentação do sistema de mercado⁷ apresentou falhas graves que produziram tensões e crises nas instituições políticas e econômicas. No plano nacional trouxe desemprego e tensão entre as classes, enquanto no plano internacional provocou a pressão sobre o câmbio e as hostilidades imperialistas. Nos anos de 1920, diante do desastre internacional do capitalismo liberal, os países industrializados se dividiram entre dois caminhos distintos: pela persistência na manutenção do sistema liberal com tentativa de restauração do padrão-ouro, e pela organização política e econômica em termos socialistas. O restabelecimento do padrão-ouro exigiu o sacrifício dos

⁴ Inserido no contexto do Estado nacional, o mercantilismo compreendia um conjunto de práticas econômicas que buscavam unificar os mercados interno (nacional) e externo (internacional), porém, eliminando seu caráter complementar de funcionamento e os transformando em mercados concorrentes dentro do mercado nacional (POLANYI, 1980). O Estado intervencionista orientava a atividade metalista, a fim de garantir a balança comercial favorável, por meio do pacto colonial e do protecionismo.

⁵ O mercado auto regulável significa uma economia regulada apenas pelos preços do mercado, ou seja, uma ideia que nunca se concretizou verdadeiramente (POLANYI, 1980).

⁶ O mercado auto regulável cria, portanto, a ideia de mercadoria como “valor de troca” (MARX, 1994).

⁷ O sistema de mercado estava fundamentado sobre três pilares: o mercado de trabalho, o padrão-ouro (sistema monetário) e o livre comércio, os quais entraram em crise com a evolução desregulada do mercado.

mercados e dos governos livres, o que enfraqueceu a democracia e possibilitou a ascensão de regimes fascistas⁸.

A fim de evitar catástrofes como a crise de 1929, foram implementadas, nos anos de 1970, modificações nos princípios da economia liberal clássica⁹: o neoliberalismo se opôs ao preceito do *laissez-faire*, submetendo novamente a economia de mercado ao controle do Estado. No entanto, a partir dos anos de 1980, o termo neoliberalismo adquiriu uma nova substância¹⁰ com a implementação de medidas como a privatização de empresas estatais e a supressão de direitos dos trabalhadores, sob o princípio da livre concorrência como condutor do progresso. A liberdade enquanto valor moral máximo da modernidade e também da pós-modernidade conduziu ao desenvolvimento arrebatador do modo de produção capitalista.

O novo mundo se conjecturou tendo como princípios norteadores a “estrutura uniformizadora da tecnoeconomia” e o “comércio global”, que provocaram a radicalização da modernização econômica e política com o advento das redes globais de produção, distribuição, consumo e troca. No entanto, a complexidade do mundo globalizado, que é espacialmente comprimido, temporalmente acelerado e constituído pela multiplicidade e diversidade de valores e experiências sociais, torna a sua própria compreensão impossível de ser construída na chave de uma lógica única. Encontramo-nos numa existência cujo tempo histórico não é mais o da modernidade edificada e ordenada pelos atores políticos tradicionais dos Estados nacionais, mas que também não é ainda o de uma ordem mundial construída por uma sociedade civil global.

O término da Guerra Fria proporcionou uma radical remodelação do capitalismo: “[...] o propósito foi abrir o terreno global para modos novos ou fortemente expandidos de extração de lucro, mesmo em domínios improváveis [...]” (SASSEN, 2014, p. 18). Nas décadas de 1970 e 1980, empresas americanas e europeias deram início à prática do deslocamento geográfico de unidades produtivas em busca da maximização dos lucros, e foram criadas as empresas transnacionais. O deslocamento das empresas para os países em desenvolvimento com a finalidade de conquistar novos mercados, produzindo nesses países a

⁸ Países como Inglaterra e EUA não insistiram no objetivo de recuperação do padrão-ouro e, conseqüentemente, se distanciaram da ameaça fascista. Logo, tanto as crises enfrentadas pela economia liberal, a tentativa de restauração do padrão-ouro e suas conseqüências trágicas quanto a concretização de projetos socialistas revelaram as deficiências e as fragilidades do sistema internacional proposto pelo capitalismo liberal e produziram seu declínio (POLANYI, 1980).

⁹ Os novos princípios econômicos caracterizaram o que foi chamado de economia social de mercado.

¹⁰ Nos anos de 1980 o termo neoliberalismo deixou de significar uma forma moderada de liberalismo quando passou a ser associado às reformas político econômicas implementadas por Augusto Pinochet no Chile, por Margaret Thatcher no Reino Unido e por Ronald Reagan nos EUA. Nas décadas seguintes o novo significado ganhou força, se consolidando no século XXI.

demanda gerada pelos seus países de origem, só foi possível graças à ação dos Estados na garantia de conveniências. Os agentes políticos dos países receptores de unidades fabris passaram a favorecer os interesses econômicos das empresas transnacionais, facilitando sua instalação com regalias, como a redução do custo do trabalho, e com a garantia de manter sob controle os interesses da classe trabalhadora organizada.

Em uma década de desindustrialização dos locais de origem das fábricas e industrialização dos países em desenvolvimento, 2/3 da produção global passou a ser realizada em países emergentes (GALLINO, 2012). Dessa forma, é possível observar que tanto os Estados nacionais quanto os agentes privados transnacionais foram os responsáveis pelo fenômeno da “mobilização global” (GALLI, 2010)¹¹. Inclusive, foram os agentes privados transnacionais os principais responsáveis pela realização da abertura efetiva de todos os espaços claramente delimitados na primeira modernidade: fronteiras e territórios; instituições econômicas, sociais e políticas nacionais; constituição nacional; associações e grupos sociais; mercado nacional; o corpo e a mente das pessoas. Esse fenômeno não respeita fronteiras geográficas e torna o mundo um imenso mercado, deformando a geometria política da modernidade e alterando a noção de espaço social e tempo histórico.

A dinâmica transnacional provocou a desregulamentação de acordos e compromissos da democracia moderna e do Estado de Proteção Social, a generalização do livre mercado, o acirramento da competitividade e a ascensão dos espaços regionais e das cidades globais¹². Também modificou o formato da luta de classes: se, no Estado de Bem-Estar Social, ela era conduzida de baixo e com a finalidade de melhorar as condições de vida dos trabalhadores e cidadãos, por meio do reconhecimento social do trabalho, após o declínio histórico do comunismo, a nova luta de classes passou a ser dirigida pelo alto, pelas forças econômicas e políticas das empresas nacionais e transnacionais que buscavam recuperar os privilégios, os lucros e, sobretudo, o poder que foram substancialmente diminuídos durante o Estado de Bem-Estar Social.

A reorganização e a concentração do poder econômico, por meio da racionalidade neoliberal, contribuíram para que as forças sociais vencedoras da Guerra Fria constituíssem

¹¹ Para o filósofo político italiano, Carlo Galli, a essência da globalização está na compreensão do espaço absoluto, no fenômeno econômico, político e tecnológico que provocou a “mobilização total”: a possibilidade jurídica e política objetiva e a capacidade de ação subjetiva da utilização de recursos naturais e culturais, físicos e humanos na busca pela extração e apropriação da maior quantidade de valor e concentração de poder material e imaterial.

¹² Os espaços regionais e as cidades globais constituem importantes espaços do mundo de produção industrial e extração de lucros que estão se tornando zonas de profundas desigualdades não mais determinadas politicamente, mas pelas estratégias e interesses dos agentes que atuam na lógica neoliberal.

uma classe global, uma elite capitalista transnacional que detém a capacidade técnica de inserção de valores e desejos no imaginário e na consciência das pessoas, produzindo a estrutura social e o tipo de indivíduo que necessita para a conservação do seu *status quo*. O poder global dessa elite manipula simultaneamente o corpo e a mente humana, exercendo violência simbólica por meio da criação de modelos que colonizam o imaginário e a consciência (MARRAMAIO, 2009). Portanto, a elite transnacional – que é capaz de acionar e articular um processo de produção em qualquer região do mundo e de transportar mercadorias para mercados mais rentáveis – também é capaz de gerar uma demanda global de novos produtos por meio da força de convencimento e sedução das propagandas globais.

Nos últimos trinta anos, aproximadamente, o desenvolvimento extraordinário do sistema financeiro caracterizou a mais nova fase do capitalismo global, cuja força mais potente é o próprio capitalismo financeiro que trouxe consigo impactantes mudanças nas relações sociais. As alterações no processo de produção e de reprodução do valor, a criação das empresas transnacionais, o vertiginoso declínio do Estado Social e a formação do atual sistema financeiro são partes articuladas de um processo ideológico de conquista de poder que é eminentemente político. Logo, o capitalismo financeiro pode ser compreendido como uma “mega-máquina”¹³ de valorização e extração máxima de valor a qualquer preço que não considera as consequências ambientais como a devastação, a contaminação e a poluição do meio ambiente, e os custos individuais e coletivos: o trabalho precário, o desemprego, a perda de dignidade, a exclusão social e a marginalização (GALLINO, 2011).

A condição de trabalho precária e a posição social dos indivíduos diante das mega-máquinas do capitalismo industrial e financeiro produzem, entre outros, o fenômeno imediato das “vidas adiadas” (GALLINO, 2014). “Vidas adiadas” são aquelas incapazes de guiar a si mesmas e de idealizar e concretizar planos pessoais com autonomia devido à posição social sempre mais frágil, pois desprovida de segurança e direitos. Isso implica na diminuição de renda, no aumento dos índices de acidentes no trabalho, nos sofrimentos e nas doenças psicossociais vinculadas à competitividade, à produtividade, ao excesso de trabalho e à ameaça constante da rescisão de contrato e demissão que culmina em morte.

“Vidas adiadas” são, portanto, vidas que postergam decisões importantes no cotidiano devido à precariedade da condição social e humana gerada pelas condições também

¹³ Luciano Gallino, sociólogo italiano, classifica como “mega-máquinas” potências que superaram a capacidade de extração de valor no capitalismo industrial e que, por meio da lógica do dinheiro que gera mais dinheiro, do capitalismo financeiro, desvaloriza o trabalho e acumula riquezas como nunca antes, impondo mudanças em todos os estratos sociais.

precárias de trabalho e pela dinâmica social que essa conjuntura impõe: são vidas que precisam lidar com o aumento da insegurança e incertezas em relação ao futuro, com a fragilidade dos vínculos sociais, com a perda da autoestima, com a exposição às variações inesperadas que impossibilitam a projeção de quadros pessoais, com o medo permanente e próprio da vida que se desenvolve sem destino pessoal e coletivo. As causas do medo contemporâneo encontram-se justamente no fato de que a origem dos problemas enfrentados no cotidiano provém dos espaços globais e por isso não estão ao alcance da ação política local.

Inicialmente, os esforços dos modernos eram dirigidos às fontes de insegurança humana, e solicitavam em troca a aceitação do controle e do autocontrole, a domesticação e o freio dos desejos e paixões: em outras palavras, a modernidade oferecia uma maior segurança em troca da liberdade individual. [...] Nos últimos quarenta anos, a obsessão modernizante se movimentou em direção oposta àquela originária: cada vez mais as áreas da vida privada foram libertas de uma regulamentação normativa e transferidas ao reino da “política da vida” conduzida individualmente ao custo da segurança da vida e das condições sociais, sustentadas pelo governo e garantidas coletivamente. Em outras palavras: maior liberdade individual, mas menor segurança salvaguardada socialmente (BAUMAN, 2008, p. 40).

Dado que liberdade e segurança são dois valores fundamentais para a vida humana, pois sem eles ela se torna indigna e indecente, prejudicada e esvaziada de sentido, a conciliação entre um e outro é sempre uma ação complexa já que ambos podem se limitar reciprocamente. Se há mais liberdade do que segurança, a vida pode se transformar em uma vida breve, pois estará exposta à violência cometida por outrem. Se a liberdade é inexistente, a segurança da vida é próxima da forma escrava: protegida por um senhor, mas desprovida de dignidade e de decência (BAUMAN, 2008). Nos últimos quarenta anos, o medo passou a refletir a ausência de segurança e o excesso de liberdade. A vida social se tornou frágil, exposta à violência e ao sofrimento causado pela racionalidade neoliberal, que espera que cada um possua a capacidade de empregar recursos e de solucionar individualmente problemas que não foram produzidos diretamente por suas ações. Portanto, todos são assombrados por eventuais incapacidades pessoais e falta de recursos perante as circunstâncias (BAUMAN, 2008).

A sociedade capitalista, definida, no final do século XX, pelo êxito da economia de mercado, pela hegemonia do discurso político e econômico neoliberal e pela mundialização, produziu uma nova ordem social, política e cultural. A nova dinâmica, aliada às revoluções de gênero e sexual, acarretou profundas mudanças na individualidade: desfizeram os vínculos do indivíduo com preceitos e normas do passado, com a sociedade

tradicionalista, disciplinadora e punitiva, fazendo com que ele experimentasse a sensação de liberdade total. Os “filhos da liberdade” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002) representam, ao mesmo tempo, a interiorização e a institucionalização da liberdade. São aqueles que cresceram educados pela ideia do livre agir, do mundo livre, da independência e da autonomia do *eu*, são os responsáveis pela “institucionalização do individualismo”. São também os que produzem uma aceleração nas experiências pessoais, gerando novos estilos e formas de vida. A consequência está nas novas formas de experiências pessoais que conjugam com os novos estilos de vida elementos paradoxais como interesse pessoal e altruísmo, competição e atividade voluntária, narcisismo e compaixão com os mais frágeis, egoísmo e solidariedade, tornando caótica a compreensão racional e sobretudo sentimental da vida. Portanto, se filosoficamente a liberdade é um valor moral, sociologicamente ela é uma prática organizada e institucionalizada¹⁴.

A nova noção de individualidade, ao mesmo tempo em que instituiu o *eu* como uma unidade de decisão e de ação independente, totalmente responsável por si mesmo, provocou rupturas com os vínculos valorativos comuns: destruiu os elos de proteção com o Estado e também desatou os laços de solidariedade com grupos secundários (mundo do trabalho, sindicato, classe e partido). A mesma individualidade estendeu a concepção de autonomia para todo o conjunto da vida social, fazendo com que a prática comum de atribuição de valor social passasse a ser realizada por meio da avaliação de performances individuais. Do mesmo modo, a questão da igualdade também passou a ser pensada nos termos de igualdade de autonomia, na necessidade de possibilitar aos sujeitos competir profissionalmente com base unicamente no seu recurso pessoal¹⁵. Essa configuração social gerou uma sobrecarga emocional considerável ao indivíduo que, além do esforço solitário e permanente na construção de si mesmo, do *eu* competitivo e produtivo, encontra-se desamparado institucionalmente.

A profunda mudança efetuada na psique individual pelos processos de transformação cultural localizados nas últimas décadas do século XX fez com que o pavor do

¹⁴ Foucault (1999) identificou não terem existido, no processo de transição da sociedade tradicional para a moderna, constrangimentos para a liberdade, mas uma reorganização da relação entre repressão e liberdade: a liberdade foi transformada em um dispositivo social.

¹⁵ A racionalidade neoliberal, acabou estabelecendo uma dinâmica de vida que se define pela eterna construção e desenvolvimento do que Foucault (2008) chamou de “capital humano”.

fracasso e da baixa produtividade, aliados ao cansaço¹⁶, produzissem novas formas de sofrimento: as neuroses de caráter. Até mesmo a depressão adquire, a partir de então, novos fatores desencadeadores: ela passa do sentimento de culpa e do sofrimento moral para a tristeza e o medo decorrente da ansiedade provocada pelo sentimento de inadequação e de incapacidade de iniciativa e de ação objetiva (EHRENBERG, 2010a). A depressão de caráter motiva outros distúrbios psíquicos como a síndrome do pânico, os transtornos alimentares (bulimia e anorexia), a síndrome de *burn out*¹⁷, a apatia e o isolamento social, a dependência, a hiperatividade, etc., patologias tão correntes no nosso cotidiano e que denunciam o mal-estar do nosso tempo.

As novas formas de sofrimento social estão, portanto, vinculadas às profundas mudanças provocadas pela autonomia na figura do indivíduo e na individualidade, bem como pelas transformações nas normas, valores, nas relações familiares, nas relações práticas no trabalho, e nos vínculos sociais e políticos da sociedade contemporânea. Não são mais produtos do conflito neurótico entre desejo-norma-transgressão como outrora, mas sim da percepção de insuficiência e incapacidade do indivíduo para realizar suas tarefas, satisfazer seus próprios desejos e atender às expectativas alheias.

2.2 A sociologia das emoções

A cultura racionalista que sempre avaliou o pensamento lógico como nobre, superior e fáustico, desprezando os sentimentos, julgando-os inferiores e perturbadores do curso da razão do mundo, efetuou a separação entre o *eu racional* e o *eu sentimental*. Isso reduziu de maneira significativa a importância dos sentimentos na vida pessoal e social,

¹⁶ A condição autônoma, alimentada pelo individualismo institucionalizado, pelo contexto do hiperindividualismo, da hipercompetitividade e do hiperconsumismo na construção de si por si mesmo, impôs ao *eu* o cansaço permanente, “*la fatigue d’être soi*” (o cansaço de ser si mesmo) – expressão cunhada pelo sociólogo francês Alain Ehrenberg (2008) no seu estudo sobre a depressão como um fenômeno sociológico revelador das mudanças na individualidade contemporânea.

¹⁷ Consiste no distúrbio psíquico de caráter depressivo, caracterizado por esgotamento físico e mental intenso em decorrência do stress no trabalho.

produzindo a desvalorização deles enquanto dimensão fundamental da experiência que pode gerar um *eu* consciente de si mesmo e um *nós* consciente do mundo¹⁸.

Tradicionalmente, os sociólogos buscam compreender a modernidade por meio da exploração de três direções históricas: surgimento do capitalismo, das instituições democráticas, e da ideia de individualismo. No entanto, a transformação do papel dos sentimentos e do lugar ocupado por eles na sociedade também é um fato histórico que acompanha a modernidade. Frequentemente negligenciada, esta dimensão atuou como pano de fundo das principais análises sobre a modernidade e assim é vista em Marx no seu apontamento sobre o lado insensível da “alienação”; em Durkheim e as nascentes da “solidariedade social”; e em Weber com o papel dos sentimentos na “ação econômica”. Assim, a partir dos anos de 1980, alguns autores concebem um olhar crítico sobre o tema, e dão início a estudos que irão compor o campo sociológico das emoções, colocando em primeiro plano a elaboração de uma perspectiva teórica acerca dos sentimentos que pudesse compreender, interpretar e explicar o agir social, as relações intersubjetivas, as instituições e as estruturas sociais.

A análise sociológica da dimensão emocional, portanto, possui como objetivo mostrar como ela “[...] modifica sensivelmente as análises que fazemos habitualmente sobre os indivíduos e a identidade moderna, da divisão entre o privado e o público, e sua articulação com a divisão de gênero” (PEUDENIER, 2008 p. 7, tradução nossa)¹⁹, a fim de contribuir com a criação de novas formas de sociabilidade. As emoções e os sentimentos revelam energias contidas no corpo humano que podem se manifestar socialmente e adquirir objetivações sensíveis na forma de imagens (símbolos, significados visuais), pensamentos (palavras, valores, gramáticas morais, normas) e recordações (sentimentos profundos que se transformam em pontos de referência e formas de orientação da ação emotiva e racional na realidade) (HOCHSCHILD, 1979).

Neste campo sociológico, as emoções são o resultado da apreensão consciente de imposições sociais (valores, ideias, pensamentos, comportamentos) e a interpretação que essa

¹⁸ Essa experiência está, como descrito por Espinosa, nas relações entre os constituintes internos de um corpo e suas relações exteriores com outros corpos, o que produz afecções que são a capacidade de afetar os outros e ser por eles afetado, regenerando-se, transformando-se e conservando-se por meio das relações interpessoais. A mente, por sua vez, é resultado das afecções corporais, quer dizer, ela é consciente dos movimentos, das mudanças nas ações e reações do seu corpo em relação aos outros corpos, das alterações no equilíbrio interno como resultado da ação de causas externas e internas. Afirmar que a mente é consciente do seu corpo significa dizer que ela possui consciência da vida que seu corpo leva, do que ele sente (CHAUI, 2011).

¹⁹ “[...] modifie sensiblement les analyses qu’on fait habituellement de l’individu et de l’identité modernes, de la division entre le privé et le public, et de son articulation avec la division em genre” (PEUDENIER, 2008, p. 7).

consciência realiza, determinando sentimentos que se cristalizam em hábitos. Desse modo, a apreensão, por exemplo, do sentido subjetivo das palavras usadas para exprimir as emoções e os sentimentos, e as definições que o sujeito fornece sobre seus estados emotivos acabam constituindo um “vocabulário das emoções” que revela quais regras sociais são acionadas e quais são suprimidas mediante as emoções e os sentimentos desenvolvidos. Essa linguagem emocional funciona, portanto, como uma etiqueta social que metrifica, avalia, julga, classifica e ordena a vida das pessoas segundo valores sociais. Objetivamente, a análise das palavras usadas para a expressão das emoções e dos sentimentos revela a regularidade do uso de determinados termos e etiquetas, bem como, os pontos de referência avaliativos, o sentido e o significado dos valores emotivos e sentimentais em voga no interior de um determinado grupo (HOCHSCHILD, 1979).

Logo, a observação sociológica do *eu* dotado de sentidos e de sensibilidades²⁰ procura atribuir significado à correspondência entre emoções, sentimentos e o mundo da cultura – forças sociais e políticas, ou seja, estruturas sociais –, que é composto por regras que ordenam as formas de emoção e de comportamento sentimental em cada sociabilidade. Busca também apontar o modo como os valores sociais mudam e alteram histórica e socialmente as emoções e os sentimentos²¹, e quais os efeitos e consequências sociais da utilização das emoções e dos sentimentos nas esferas econômica, política, artística, religiosa e cultural. Para tanto é necessária, aos sociólogos, uma lente de aumento que evidencie as particularidades dos incontáveis vínculos entre o que dá forma e atribui sentido aos sentimentos de cada um e as pessoas que experimentam esses sentimentos e os ressignificam, ou seja, trata-se de analisar e relacionar as dimensões macro e micro sociológicas (HOCHSCHILD, 1979).

A “experiência emotiva” constitui um dos aspectos centrais da observação dessa sociologia, porque traduz o embate entre o movimento desordenado dos sentimentos e as “regras de sentimento”, ou seja, o choque entre as formas de vida emotiva, oriundas das experiências sensíveis e sentimentais, e a força normativa das “regras de sentimento”, daquilo

²⁰ Para a socióloga norte-americana Arlie Russell Hochschild, o *eu* possui três grandes dimensões: o *eu* cognitivo, o *eu* inconsciente e o *eu* dotado de sentidos e sensibilidades. O primeiro é aquele que age através da ação racional e que, portanto, calcula e avalia os meios e os fins, as vantagens e desvantagens em seu agir social e que procura, na relação com os demais, mostrar-se e ao mesmo tempo ocultar-se, buscando construir um personagem que possa lhe assegurar benefícios e vantagens. O segundo *eu* é aquele, guiado pelas pulsões e pelos instintos, que age sem compreender a força das motivações que se objetivam nas palavras e nos gestos, nos comportamentos e nas atitudes. O último, o *eu* dotado de sentidos e sensibilidades, é aquele capaz de provar sentimentos com consciência sobre eles (HOCHSCHILD, 1979).

²¹ A ira, por exemplo, é um sentimento definido negativamente pelo cristianismo – compõe a lista dos sete pecados capitais. No entanto, nos anos de 1970, o mesmo sentimento de ira, que mobilizou as mulheres na luta pela emancipação, foi positivo, porque justo, naquele momento histórico.

que se espera que os sujeitos sintam e expressem nas relações sociais. As regras de sentimento, embora potentes forças normativas e coercitivas, podem ser modificadas pelas pessoas por meio de novas experiências emotivas. Estas produzem outras formas de avaliação das manifestações sensíveis e sentimentais: as “convenções que regulam os sentimentos”, como os valores, os princípios e as normas que ordenam as manifestações emotivas e sentimentais.

A investigação acerca das emoções e dos sentimentos pode ser dividida em dois grupos de abordagem metodológica. Primeiro, aquele que enfatiza o estudo da situação que determina as ações emotivas e racionais das pessoas, portanto, a forma de compreensão da experiência emotiva que privilegia a influência dos fatores sociais sobre os sentimentos das pessoas. Segundo, aquele que destaca o estudo das operações de segunda ordem, realizadas sobre o fluxo emocional primário e não reflexivo que mascaram aquilo que realmente a pessoa sente; é a forma de compreensão da experiência emotiva que privilegia a investigação do peso de fatores sociais sobre o modo no qual o indivíduo reflete e age em seus próprios sentimentos, avaliando-os e controlando-os nas relações sociais. Contudo, apenas o uso em conjunto dos dois métodos de compreensão da ação social produzirá a lente de aumento capaz de especificar os muitos vínculos entre o mundo que dá forma aos sentimentos das pessoas e as pessoas que experimentam esses sentimentos (HOCHSCHILD, 1979).

Esta interpretação do processo no qual o sujeito efetua de maneira solitária o esforço da introspecção e da compreensão de suas emoções para então modificá-las quantitativa e qualitativamente, na lógica do movimento dialético²², significa apreender o que Hochschild (1979) chama de “trabalho emotivo”: a articulação entre a ação do sujeito, dotado de sentidos e emoções e que tem consciência dos mesmos, e a pressão coercitiva e reguladora das normas que ordenam as elaborações sociais das emoções e dos sentimentos. Trabalhar sobre uma emoção ou sentimento corresponde a controlar e fazer recitação profunda sobre determinada emoção. Deste modo, ao mesmo tempo que possibilita que o sujeito produza autonomamente novas manifestações do corpo e novas formas de avaliação das regras de sentimento e das estruturas sociais, o trabalho emotivo, que está sempre ligado a uma narrativa com códigos de comportamento e ação social pré-determinados, envolve dois tipos de elaboração da produção de emoções: a pessoa que deseja experimentar novas emoções – logo, como sujeito ativo, a experiência é autônoma, pois a própria pessoa elabora o seu

²² As emoções deixam de ser o que são e são construídas novas formas de manifestação emotiva, uma espécie de *aufhebung* emotiva: as emoções são negadas, conservadas, sublimadas e expandidas em novas possibilidades de existência objetiva.

sentido e significado – e a pessoa que é forçada a experimentar emoções determinadas por outrem.

O processo de elaboração de produção das emoções no qual a pessoa é forçada a experimentar emoções determinadas por outrem aponta a submissão do sujeito às regras de sentimento. Elas detêm a propriedade da manifestação das emoções e dos sentimentos de um grupo social e, no limite, dos padrões hegemônicos de manifestações emotivas dentro de um determinado espaço e situação social. Determinam padrões de intensidade, direção e duração das manifestações sensíveis e sentimentais, como a necessidade de autocontrole e de seguir padrões de emoções e comportamentos exigidos nas atividades profissionais, nos relacionamentos afetivos e amorosos e em todas as áreas da vida. Em toda manifestação ideológica há um sistema particular de regras de sentimento e de enquadramento social que significam as emoções e os sentimentos nas diversas situações sociais, seja determinando juízos de valor específicos, positivos e negativos, seja determinando formas próprias de adquirir direitos e exercer deveres, assimilando emoções e as manifestando corporalmente. Desse modo, as lutas sociais e políticas também ordenam a construção social das regras de sentimento e de enquadramento das manifestações sensíveis e sentimentais.

A importância da investigação sociológica das emoções e dos sentimentos foi posta em destaque pelo filósofo italiano Domenico Losurdo na obra *La sinistra assente. Crisi, società dello spettacolo, guerra (2014)*. Analisando a produção das ideias e das emoções no curso da modernidade, o filósofo italiano afirmou:

[...] genial revelou ser Marx quando no seu tempo histórico observou o monopólio da produção material e também o monopólio da produção intelectual. Contudo, na atualidade a grande burguesia capitalista funda a sua potência sobre o monopólio da produção das ideias, mas também e, sobretudo, das emoções. (LOSURDO, 2014, tradução nossa)²³.

O progresso das forças produtivas, especialmente a ampliação da capacidade da publicidade em atingir as dimensões profundas da consciência e do inconsciente, produziu no final do século XX uma dimensão social qualitativamente nova: uma possibilidade objetiva de manipulação contínua das emoções e dos sentimentos, mentalidades e comportamentos, que submete os indivíduos aos interesses das forças econômicas e políticas hegemônicas. Se a

²³ Il genio si rivelò essere Marx quando nel suo tempo storico osservò il monopolio della produzione materiale e anche il monopolio della produzione intellettuale. Tuttavia, attualmente la grande borghesia capitalista basa il suo potere sul monopolio della produzione di idee, ma anche, e soprattutto, sulle emozioni (LOSURDO, 2014).

política do medo produzida atualmente pelos partidos de extrema direita gera, no curso das eleições, a “indignação moral” (LOSURDO, 2014), no cotidiano, a ampliação do mercado emocional e da publicidade comercial desenvolvem um papel essencial em estimular o indivíduo a ser outro: ter outro corpo, ser outra pessoa, imaginar ter outras vidas, possuir tudo, experimentar novas identidades e emoções, em outras palavras, a não ter limites em suas escolhas e ações emotivas e racionais. Logo, na nova ordem mundial, erguida após o fim da URSS e da vitória colossal do neoliberalismo, a investigação sociológica das emoções e dos sentimentos passou a ser um problema decisivo na tentativa de dotar de sentido e significado tanto o indivíduo quanto a sociedade capitalista contemporânea.

2.2.1 A sociologia das emoções em Eva Illouz

Eva Illouz é uma prestigiosa socióloga franco-marroquina que se destaca internacionalmente, no campo intelectual contemporâneo, devido à riqueza de suas análises acerca da cultura no capitalismo tardio. Desenvolve pesquisas nas áreas da sociologia das emoções e da cultura, além de atuar como professora na Universidade Hebraica de Jerusalém. Illouz investiga há mais de duas décadas os efeitos do modelo capitalista em nossas formas de sentir e de amar, utilizando elementos da cultura popular como objeto de estudo. Sua análise crítica se volta para o encadeamento de causas subjetivas: busca compreender o indivíduo contemporâneo e a sua relação com o amor, com a sua autonomia e seu desenvolvimento pessoal, e com suas patologias psicossociais. Para Illouz (2011), o desenvolvimento do capitalismo se deu em conjunto com o desenvolvimento de uma cultura afetiva especializada e, por isso, as emoções e os sentimentos estão no centro dos seus estudos.

No início do caminho pela apreensão da sociedade pós-moderna em sua totalidade, a autora expôs detalhadamente o processo de produção e consumo social das emoções, localizando as emoções dentro de determinadas formas de figuração (valores, ideias, subjetividades) e configuração social (relações de produção e trabalho, relações de troca, normas e leis), bem como, procurou desmistificar o peso dado ao desejo e ao inconsciente como seu único agente. O consumo é parte de um mecanismo econômico extraordinário e austero, principalmente com a psique, pois é desconexo e paradoxal. Ao mesmo tempo em que congrega vários grupos socioeconômicos numa mesma estrutura homogênea de mercado, cultiva diferenças individuais. Ele também incentiva o acesso a uma enorme variedade de objetos materiais, enquanto encoraja a busca por valores pós-materiais e espiritualidade. Sua principal filosofia é o hedonismo utilitário, a busca do prazer, mas de

maneira racional e limitada que exige do *eu* um árduo trabalho de gerenciamento de si e disciplina.

Bauman (2001) identifica os antagonismos e a instabilidade presentes na atividade do consumo como resultados de uma insegurança que seria perpétua nos atores e que tem sido alimentada para a manutenção da própria atividade. Portanto, o paradoxo mor estabelecido pelo consumo está no fato de que o exercício do seu poder colossal depende do perpetuamento da instabilidade dos desejos e da insegurança dos consumidores. No entanto, Illouz (2009) afirma que o que Bauman (2001) coloca como paradoxo mor, na verdade, deve ser entendido como uma ruptura entre ação e estrutura²⁴, isto é, o que existe é uma ruptura entre o aparato implantado pelo capitalismo do consumo e a instabilidade mecânica dos desejos, vontades e necessidades desses consumidores. Assim, a autora busca compreender como a instabilidade dos desejos dos consumidores está perfeitamente entrelaçada com a cultura do consumo. Quanto dessa instabilidade é cultural e socialmente produzida? Qual é o mecanismo que ajuda a explicar como as micro motivações dos atores traduzem a estrutura cultural do consumo e vice-versa? Como a estrutura cultural do consumo se traduz nos comportamentos e fantasias dos consumidores? As respostas estão na análise da dimensão emocional do consumo.

A publicidade já vem há algum tempo demonstrando a centralidade das emoções no consumo. É a cultura da publicidade que concede significado cultural, legitimidade e aura espiritual para os bens de consumo. Ela é responsável por transformar a aquisição material em experiência cultural impregnada de ícones, imagens e sentimentos. A abordagem semiótica do consumo indica que na publicidade objetos materiais estão cheios de códigos de comunicação que, por sua vez, carregam significados emocionais. O consumo é, portanto, menos sobre o valor utilitário dos objetos do que seu significado simbólico. Desse modo fica fácil entender porque as emoções possuem um papel crucial no consumo: se as commodities devem promover significados e experiências, então, elas se tornam por definição experiência emocional cheia de emotividade. *Commodities* são significados culturais que promovem o acesso às categorias emocionais e experiências (ILLOUZ, 2009). Mas como o significado emocional das commodities faz do ato de consumo desses objetos uma experiência emocional? Se os objetos que usamos estão cheios de emotividade, como ela é transbordada e sobreposta ao sentido emocional do ato de consumir?

²⁴ Remetendo a justaposição feita por Weber sobre a ansiedade que estava no centro da fé calvinista e o poderoso motor cultural do capitalismo: a ansiedade acerca do destino perante uma divindade distante e incompreensível que produziu um sistema cultural baseado na racionalidade, no controle e na previsibilidade.

De acordo com Illouz (2009), o desejo enquanto estrutura motivacional do consumo veio substituir as ideias utilitaristas e racionalistas acerca dele mesmo e promover uma melhor compreensão sobre outros dos seus componentes: a libido e o inconsciente. Mesmo Lacan (1988) afirmou que o coração da cultura do consumo era basicamente a “falta”, um anseio flutuante e difuso por mercadorias, que nunca poderia ser realmente satisfeito. Essa noção de desejo, contudo, não faz distinção entre as diferentes maneiras pelas quais as mercadorias são desejadas e incorporadas pelo sujeito e como ele irá se relacionar socialmente no seu meio a partir das mercadorias. A mesma noção ainda implica para a autora na ideia de pouca ou muita agência do indivíduo: pouca, porque se crê que o desejo é inconsciente, tanto individual quanto coletivamente e, nesse sentido, o desejo teria garantido uma suave introdução coletiva ao sistema capitalista – com os atores vistos como “máquinas de desejo”²⁵ – e atuaria para as forças sociais capitalistas determinando vontades e prazeres e estabelecendo a ilusão de subjetividade autônoma e de liberdade. A sociologia do consumo tem defendido também os impulsos libidinais contidos na noção de desejo, e aqui a agência é muita, porque o desejo representa algo livre, que não faz agir por motivações ideológicas nem racionais, mas pela simples busca por prazer e sensações.

Como a maioria dos sociólogos do consumo afirmam que o desejo é socialmente formatado, mas não especificam como ele é formatado, o resultado é uma noção de desejo que coloca o consumo como uma excitação desorganizada de desejos, que não especifica empiricamente o meio como o desejo, as representações culturais e as relações sociais se conectam umas às outras. São as emoções as responsáveis por explicar como, por um lado, o consumo está ancorado nos processos de cognição e cultura e, por outro, na motivação estrutural das pulsões e do corpo. Por meio das emoções, afirmamos definições culturais da nossa personalidade, como elas são expressas nas relações concretas e imediatas com os outros. Emoção, portanto, é sobre onde estar na teia das relações com os outros no interior de um sistema cultural caracterizado pelo desenvolvimento simultâneo de imagens, figuras e conceitos, na implacável criação de afetos e na mobilização massiva do corpo.

O comportamento do consumidor tem sido recrutado pelo mercado por meio da lógica estabelecida entre cognição-afeto-corpo. Olhando para a cognição, a publicidade e a cultura do consumo organizam um sistema de sentido coerente sobre o que é a vida boa, estabelecendo uma fonte ampla de crenças e cognições. Este sistema de sentidos pode ser resumido nas seguintes proposições: a vida boa é aquela na qual todas as necessidades podem

²⁵ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Anti-Oedipus*, Capitalism and Schizophrenia. New York: Viking Press, 1977.

ser satisfeitas; liberdade de escolha é um direito fundamental de todo ser humano; juventude e corpo em forma são preferíveis à velhice; bens promovem respeito; felicidade é uma questão de se ter tudo o que se necessita; etc. Os afetos realizam a principal atividade da cultura do consumo: eles significam os produtos que são vendidos na forma de experiências. Desse modo, a publicidade ocupa um papel de destaque nessa cultura já que ela faz exatamente isso: atribui significados e símbolos aos produtos, associando e desconectando significantes e significados, e rompendo e recombinao infinitamente essas associações (ILLOUZ, 2009); como sugeriu Benjamin (1972), o consumo simula a existência de mundos que oferecem ao indivíduo moderno uma variedade de identidades, experiências e emoções.

O corpo, por sua vez, é recrutado pelo mercado de inúmeras maneiras, pois a cultura do consumo se baseia no pressuposto da plasticidade do corpo e no desejo intrínseco ao *eu*, que está relacionado àquele em voga coletivamente. O desenvolvimento das forças produtivas possibilitou a ação de capturar e criar imagens e aparências estéticas em maior quantidade e qualidade, impactando profundamente as emoções e os sentimentos das pessoas. A força da estética social foi desenvolvida pelos principais atores da modernidade – o Estado-nação, as fábricas e as classes sociais – que produziram o fenômeno da “estetização da política”²⁶. Assim, ao passo que as “manifestações sensíveis” (CARNEVALI, 2012) públicas dos atores tornam o corpo repositório do *habitus*, ele também passa a ser a superfície na qual objetos de consumo são exibidos e adquirem seus respectivos significados sociais. Ao adquirirem significados sociais, os corpos também passam a fazer parte da dinâmica do “prestígio” (CARNEVALI, 2012), ou seja, de como o valor social determina o modo de consumo de bens, expressando uma condição de vida particular e o gosto peculiar de cada um. Ser consumidor, portanto, significa acima de tudo participar de um sistema cognitivo que nos leva a avaliar positivamente ou negativamente determinadas formas de vida, experimentar uma variedade de sensações e sentimentos, e a usarmos nossos corpos também de maneiras variadas.

Para as emoções, o gosto possui um papel decisivo na regulação mecânica do consumo diferenciado. É o mecanismo central regulador da adesão ao estilo de vida de grupos. De fato, a noção de gosto já possui papel central na literatura da sociologia do consumo, inspirado pelos trabalhos de Bourdieu. Para o autor, o gosto é uma forma de

²⁶ De acordo com a teoria da estética social defendida por Carnevali (2012), a estetização da política implicou na criação de uma série de aparências estéticas a partir de slogans e símbolos criados para manipular, na esfera íntima, o gosto e a identidade dos indivíduos em suas organizações e partidos e, na esfera pública, a identidade nacional e a comunidade nacional de destino.

“juízo social”, promovido pelas classificações simbólicas, que estabelece um forte viés cognitivo (BOURDIEU, 2011). Illouz (2009), por sua vez, sugere que o gosto não é ativado apenas por esquemas de classificação – eles mesmos produtos da posição social – mas também por operadores emocionais que podem variar de “sentimentos intensos e primitivos para complexas avaliações intelectuais”. Se o gosto é adquirido por meio do longo processo de socialização do corpo, o melhor jeito de compreendermos este processo de aquisição é vendo como ele é operado através das emoções, como os objetos são inconscientemente, ainda que intencionalmente, incorporados ao longo do processo de formação de identidade e de reivindicação da mesma.

Na medida em que objetos e experiências de consumo sempre carregam traços dos relacionamentos sociais, para Illouz (2009) eles devem ser vistos como pontos nodais em torno dos quais convergem uma multiplicidade de relações entre o *eu* e os outros. Desse modo, como os relacionamentos sociais demandam “trabalho emocional” (HOCHSCHILD, 1979) e as mercadorias ajudam a organizar e a negociar estes relacionamentos sociais, parece óbvio argumentar que mercadorias e emoções estão, portanto, entrelaçadas. No processo de “desmercantilização”²⁷, o consumo faz com que os objetos adquiram diferentes valores em diferentes esferas de troca e, conseqüentemente, circulem de maneira diferente nelas. O modo de circulação, no entanto, não pode ser separado da lógica emocional trabalhada em determinada esfera. Quando os objetos circulam em esferas de sentidos que são também esferas emocionais, eles podem deixar a esfera de consumo e o mercado e serem incorporados aos relacionamentos interpessoais.

Finalmente, o consumo é estruturado pelas emoções de duas maneiras de acordo com Illouz (2009): pelas emoções de fundo²⁸ e pelas emoções situacionais. Estas últimas estão obrigatoriamente ligadas a um contexto ou situação particular, porque são provocadas pelo meio externo ao sujeito, enquanto as emoções de fundo são perenes e independentes do contexto no qual o indivíduo está inserido. Na cultura do consumo, emoções de fundo, como a frustração, o tédio, a inveja, a ansiedade e a insubordinação, são constantemente estimuladas, produzindo a dinâmica do consumo. A frustração é a principal emoção trabalhada no consumo devido ao fato de nela estarem contidas duas unidades psicológicas importantes: a excitação e o conforto. O encontro com novos objetos ou novas experiências gera excitação.

²⁷ De acordo com a proposta de Appadurai (1996), Illouz (2009) entende como *desmercantilização* o processo no qual a retirada de bens de consumo do circuito de trocas faz com que a prática de consumir objetos adquira um sentido pessoal na rede de relações sociais.

²⁸ Traduzimos para “emoção de fundo” o que a autora chama de “*background emotion*”.

Já o conforto é sentido à medida que a novidade é substituída pela familiaridade com o artigo adquirido. Entretanto, nem a excitação e nem o conforto podem ser regularmente mantidos, pois um nível contínuo de excitação leva ao desconforto, do mesmo modo que o conforto continuado leva ao tédio.

Assim, para que o processo do consumo se mantenha vivo e em desenvolvimento, o conforto deve ser regularmente interrompido por um novo desejo que trará consigo uma nova experiência de excitação. Fica claro, portanto, que, na prática do consumo, a excitação que a acompanha necessariamente se transforma em tédio, e é esse desapontamento que vai buscar desejar um novo objeto. O desapontamento e o tédio são as emoções que regulam o consumo de modo imperceptível. No contexto do que Illouz (2009) chama de consumo competitivo²⁹, é a inveja e a ansiedade que organizam as ações.

A inveja está presente na vontade de supressão da desigualdade que separa o sujeito do seu objeto de desejo. Na cultura do consumo a inveja é dominante. Nestas sociedades capitalistas existe um forte *ethos* democrático, sua dinâmica se sustenta por meio das desigualdades econômicas e sociais que, por sua vez, exigem um intenso trabalho de distinção social. A inveja é mais intensa quando a distância que separa o sujeito do seu objeto de desejo é menor, como na relação entre a classe média e a classe alta. Ela produz consumo não apenas pela comparação negativa de si com os outros, mas também pela antecipação das emoções alheias: ela é imaginativamente projetada sobre os outros e é desse modo conectada com o sentimento de autoestima. No cenário de competição social, a inveja se mistura com a ansiedade no esforço pelo respeito e admiração do outro.

A ansiedade gerada pelo consumo competitivo possui uma segunda forma que é o estado de ansiedade. Ele é constituído pela incerteza do indivíduo sobre o status social do outro a quem o mesmo admira, e pelo esforço para compensá-la por meio do consumo de mercadorias. O consumo produz por consequência um processo de moldagem do indivíduo pelas mercadorias: o exercício da liberdade individual de escolher quem se deseja ser é o ponto utilizado pelos mercados para atraírem os consumidores, estabelecendo a construção da identidade pelo consumo. A produção de mercadorias é um esforço coletivo, mas o consumo é uma prática individual, solitária, baseada na livre escolha que traz consigo a pressão da responsabilidade sobre a gestão da própria vida, e por isso é carregada de ansiedade.

²⁹ A constante busca por honra, reputação e pela estima dos outros é o motivo do comportamento competitivo que valoriza a capacidade de superação de todos sobre todos. Essa vontade, simbolicamente se transforma em consumo prestigiado e desperdício (ILLOUZ, 2009).

A cultura do consumo consiste na excitação e na produção de emoções que geram novas práticas de consumo. O consumidor se torna um agente do sistema capitalista devido ao desenvolvimento de necessidades especializadas às quais o capitalismo de mercado é pronto para atender. Illouz (2009) afirma que, na verdade, o consumidor é colocado em uma posição da qual deve ser libertado. No entanto, tal libertação assume a forma de “*desublimation*” (MARCUSE, 1964), ou seja, a libertação não está fora, ao contrário, está no interior da cultura do consumo, sendo definida pelo próprio consumo. Assim, a cultura do consumo nutre até mesmo os sentimentos de rebeldia, pois estes também passam a ser veículos de consumo. As emoções explicam, portanto, como o consumo está ligado ao processo cultural de cognição e, ao mesmo tempo, aos estímulos de unidades externas e do corpo do outro. É por meio das emoções que organizamos e definimos particularidades culturais e como elas se manifestam numa relação concreta e imediata entre si. Por isso, a emoção é mais uma entidade cultural e social do que psicológica.

Assim, as emoções são ativadas por um estado indiferenciado de excitação que se torna uma determinada emoção devido aos estímulos ambientais. A cultura, portanto, possui papel considerável na construção, interpretação e funcionamento das emoções. Quadros culturais nomeiam e definem tanto as emoções, quanto os limites da sua intensidade, normas e valores, além de fornecer símbolos e cenários culturais que as tornam socialmente comunicativas. Como uma prática cultural, o amor romântico está sujeito também à influência das esferas política e econômica. O capitalismo tornou possível a participação de todos na esfera simbólica do consumo, mas se sustenta e se reproduz por meio da concentração de riquezas e da legitimação de divisões sociais. Para Illouz (2009) as definições e práticas modernas de romance estão interligadas com esta dualidade do consumo: o amor romântico se tornou uma parte íntima indispensável do ideal democrático de riqueza que acompanhou a emergência do mercado de massa, ofertando a utopia coletiva, atravessando e transcendendo as divisões sociais. Simultaneamente, o amor romântico foi adotado como um mecanismo de dominação econômica e simbólica no trabalho dentro da estrutura social. O amor romântico é uma arena coletiva dentro da qual as divisões sociais e as contradições culturais do capitalismo se desenvolvem.

2.2.2 Illouz: consumo e amor romântico

O capitalismo atual é caracterizado por uma mentalidade cultural permeada pelas relações de troca, de compra e venda, de qualquer tipo de mercadoria. As bases dessa

racionalidade são o interesse próprio e o benefício econômico mútuo. Dessa forma, o amor romântico parece escapar das categorias convencionais nas quais o capitalismo é concebido. Tradicionalmente, o amor romântico está localizado acima do âmbito das trocas de bens e posicionado contra a ordem social legitimada. As Ciências Sociais partilhavam desta ideia, ainda que de maneira implícita, entendendo a cultura como uma prática coletiva e pública e as emoções como experiências particulares (subjetivas, fisiológicas e psicológicas), descartando-as, portanto, dos estudos acerca do coletivo e da vida simbólica. Fatalmente, o amor romântico foi entregue à esfera da vida privada ao invés de ser discutido em termos de rituais públicos, conflitos sociais, ou conflitos de classes. Nos anos de 1980, a antropologia, a sociologia e a psicologia inauguraram a visão de que as emoções seriam influenciadas e até mesmo moldadas pela oscilação das categorias culturais (normas, língua, estereótipos, símbolos). Mas, apesar das disciplinas das ciências sociais hoje garantirem a ligação entre cultura e emoção, elas ainda resistem em reconhecer a conexão entre amor e economia – categorias consagradas como opostas e incompatíveis.

Combinando doutrinas marxistas e freudianas, a Escola de Frankfurt se debruçou sobre o debate entre amor e mercado logo na “primeira geração”³⁰, mas são os estudos culturais realizados pela “terceira geração” da Teoria Crítica que estão revolucionando-o. Nesse contexto Illouz desenvolve seus trabalhos a respeito da relação entre amor romântico e mercado na modernidade tardia. Para a primeira e a segunda gerações e sua crítica cultural, o crescimento frequente da oferta e do consumo em massa de rituais românticos acarretaria em patologias sociais. Por isso a ênfase na necessidade de manter as relações amorosas protegidas da lógica econômico-utilitarista. Já Illouz (2009) recupera as muitas conexões entre mercado capitalista e amor romântico, revelando a inexistência de qualquer incompatibilidade entre eles. Ao contrário, o que existe é uma interação perfeita entre ambos.

Illouz (2009) apresenta o amor romântico como a última fonte geradora das utopias de transformação e ruptura da ordem cotidiana necessária à reprodução simbólica e material do capitalismo. No amor romântico os amantes são invadidos por uma energia criativa eletrizante e transformadora que faz com que eles se sintam como revolucionários. Buscam violar as regras com a finalidade de experimentar com seu par experiências situadas fora da ordem estabelecida. Todavia, do ponto de vista político, a revolução realizada pelos

³⁰ A Escola de Frankfurt é uma vertente filosófica de teoria social ligada ao Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, Alemanha, que foi fundado nos anos de 1920. A primeira geração de pensadores da Escola de Frankfurt foi composta principalmente por Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Friedrich Pollock, Franz Neumann, Erich Fromm e Walter Benjamin. Já a segunda geração é identificada pelos teóricos Jürgen Habermas, Axel Honneth, entre outros.

amantes é ordinária, uma vez que a suposta ruptura com a normalidade projeta os amantes para dentro do universo de ofertas e possibilidades do consumo romântico. Dessa forma a pretendida ruptura com a ordem, vivenciada pelos amantes, significa uma simples migração entre esferas de sociabilidade: eles desprezam o regular para adentrar no domínio do consumo romântico (COSTA, 2009). E é devido ao fato de o amor ser uma esfera de ação privilegiada para a experiência da utopia que ele continua sendo a mitologia mais importante do nosso tempo.

Nas sociedades capitalistas a dimensão utópica do amor romântico não pode ser facilmente reduzida ao status de “falsa consciência” ou de “ideologia” para exprimir o que suscitaria os desejos nas pessoas. Illouz (2009) explica que, no amor romântico, a utopia funciona como a experiência com o sagrado. Como sugeriu Durkheim (1996), a experiência religiosa não desapareceu das sociedades ao longo dos séculos, mas migrou da religião para outros domínios da cultura; no caso, essa experiência teria migrado para o âmbito do amor romântico. No entanto, na virada do século XX, o amor romântico abandonou quase que por completo os atributos religiosos; deixou de ser o “altar” no qual os amantes se “consagravam”, como em um culto de devoção cristã. O amor secularizado se manteve sacro. O romance, ao longo de sua secularização, também manteve características ritualísticas, projetando a utopia coletiva da abundância. Para isso, no entanto, congregou temas e imagens pré-concebidas com a noção de individualismo e de auto realização. Dessa maneira, essa utopia pôde ser experimentada por meio da performance cíclica dos rituais de consumo.

Illouz (2009) e outros autores atestam que os temas que produziram a utopia romântica já estavam presentes em muitas sociedades pré-modernas, nas quais o amor romântico era visto como uma força revolucionária e ameaçadora da ordem moral e legal. A cultura ocidental mergulhou o amor romântico em uma aura de transgressão, enquanto o elevava ao status de valor supremo. Por isso as figuras que compõem nossa imaginação romântica afirmam os inalienáveis direitos da paixão, desafiam a ordem e as divisões por gênero, classes ou nacionalidades. A subversão do amor romântico perturba o mecanismo regulatório fundamental a qualquer grupo social. Quando ele estabelece a liberdade de escolha do companheiro pelo indivíduo, por exemplo, faz com que este possa atrever-se a contrariar as regras da endogamia, forçando os limites que mantêm a unidade do grupo³¹. É por essa razão que a autora afirma que o amor romântico já celebrava moralmente o individualismo,

³¹ Lévi-Strauss (1982) explica a origem social das regras de endogamia. Elas estão ligadas à proibição do incesto e ao processo de trocas de mulheres pelo grupo e entre grupos que compartilham da mesma concepção em relação ao incesto.

um valor de importância primordial para o capitalismo industrial, antes mesmo da consolidação do capitalismo comercial.

Até o início do século XX, o casamento consistia em uma operação financeira e em uma negociação equitativa de extrema importância social, o que identificava o amor romântico como contrário as estratégias de reprodução social difundidas pelo casamento. Representante de valores como o desinteresse, a irracionalidade, e a indiferença às riquezas, o amor romântico articulou dois elementos que viriam a se encaixar no cerne da ideologia capitalista moderna: a valorização do indivíduo em detrimento do grupo; e a ideologia burguesa na qual o amor romântico sobrepôs os sentimentos em relação aos interesses sociais e econômicos. Dessa maneira, afirmando a soberania dos relacionamentos interpessoais guiados pelo *eu* desinteressado, o amor celebrou o encontro de almas e corpos, possibilitando uma ordem social alternativa. Foi assim que, para Illouz (2009), o amor romântico projetou a aura de transgressão, cujas promessas e demandas reclamam um mundo melhor, e a conservou, articulando-a com as categorias de experiência existentes.

O campo emocional estabelecido pelo amor romântico poderia revelar-se contraditório, uma vez que os valores românticos se opõem à violação da ordem social e ao utilitarismo capitalista, por exemplo. Contudo, para a autora, é por meio da ação dos símbolos, valores e das relações de classes na cultura contemporânea que o mercado passa a orientar os valores românticos. A cultura capitalista pós-moderna combinou a poderosa utopia da transgressão do amor com o consumo de lazer e da natureza. Essa prática de consumo específica foi a responsável pela incorporação de fato do amor romântico pelo mercado devido ao fato das práticas românticas compreenderem rituais que opõem valores da esfera produtiva à liberdade individual, sendo ambos parte da mesma racionalidade de mercado. As contradições culturais do capitalismo tardio são condensadas pelo amor romântico: a oposição entre a esfera do consumo e a da produção é o núcleo do sentido moderno de amor romântico, pois são as práticas românticas que equilibram o conflito entre a cultura hedonista e a intensa disciplina exigida pelo mundo do trabalho. Mas a qual ponto o amor e suas práticas românticas são hoje uma experiência fruto de uma moldagem social?

A autora explica que, ao longo do século XX, o processo que orientou as famílias³² a priorizarem suas vidas afetivas, seus relacionamentos, tornou público o *eu* privado e o expôs ao julgo das esferas política e econômica. Este processo resultou no que

³² A autora se refere mais especificamente às famílias norte-americanas, foco da sua pesquisa.

Illouz (2011) chama de “capitalismo emotivo”³³, que compreende justamente a cultura na qual as práticas econômicas e afetivas se determinam reciprocamente e produzem os fenômenos sociais que resultam da apropriação do afeto pelo comportamento econômico.

A dinâmica das relações afetivas foi redefinida pelo sentido econômico da troca, transformando as emoções em bens de consumo. A influência do sistema capitalista moderno nas formas de sentir e de amar transformou principalmente as relações afetivas entre casais. As tensões culturais e sociais da modernidade realizaram a ruptura com os códigos de comportamento, mentalidade e escolha contidos nos ideais tradicionais que organizavam as emoções e o amor na pré-modernidade. O ideal de amor romântico e tradicional concentrava homens e mulheres no mesmo universo emocional e moral e definia sua união com base em imperativos econômicos, éticos ou religiosos. No entanto, o amor é uma potência extraordinária que promove conquistas históricas, pois contém em si as noções de liberdade, de igualdade, de autoafirmação, de realização de si mesmo e de felicidade. Sendo assim, na modernidade ele passa, junto com a pulsão sexual, a determinar livremente a escolha subjetiva do parceiro, invertendo o sentido do casamento: se na tradição o amor estava em segundo plano na união do casal, devendo ser construído ao longo do tempo pela intimidade, na modernidade é ele o motivo desta união e o responsável pelo seu sucesso.

De acordo com Illouz (2012), a força da vontade eletiva promoveu a “desincrustação e a desregulamentação” dos valores presentes nas antigas “potências de formação cultural”³⁴ e, com o despontar da figura do indivíduo, transformou o amor romântico em livre escolha emotiva. Contudo, a transformação do amor romântico em escolha emotiva, ao mesmo tempo em que liberou o homem e a mulher dos vínculos estreitos da tradição patriarcal, também desregulou o sentido comum dos afetos e das emoções, provocando nas pessoas uma forte sensação de vulnerabilidade e de irresponsabilidade³⁵. A queda das regras possibilitou ao indivíduo uma maior liberdade de ação emotiva que, na nova forma de subjetividade, trouxe consigo paradoxos e ambivalências: de um lado, o *eu*, livre do peso moral das castas, da família patriarcal e da tradição, pode experimentar novas formas de

³³ Para Illouz (2009) o capitalismo emotivo é a grande peculiaridade do capitalismo moderno, pois desenvolve produtos que realizam conjuntamente a produção e o controle das emoções, elaborando um estilo de vida e uma semântica que possibilitam um repertório cultural compartilhado. Este desempenha uma função disciplinar de compatibilidade das emoções com a cultura dominante.

³⁴ Representadas pela família patriarcal e pela tradição religiosa fundamentada sobre a ideia de cosmo e de lugar natural – castas, nobreza, senhores e servos.

³⁵ A queda de valores tradicionalmente fundamentais para o relacionamento amoroso também leva consigo antigas virtudes como a constância, a lealdade e o sacrifício. A ausência dessas virtudes faz com que a noção de comprometimento seja, cada vez mais, esvaziada de sentido.

enlace amoroso e vivências emotivas; do outro lado, a ruptura dos códigos emotivos tradicionais ampliou o raio da liberdade privada, mas não produziu novos códigos amorosos. Assim, a liberdade de escolha emotiva tornou o amor um campo desordenado no qual a incerteza, o risco e a insegurança – insegurança de não saber o que se sente, o que o outro está sentindo e muito menos quais são os sinais do amor e do compromisso para ambos (ILLOUZ, 2012) – definem atualmente as relações amorosas³⁶.

Illouz (2012) afirma que a grande transformação dos encontros amorosos é, portanto, resultado da desregulamentação dos códigos emotivos, empreendida pelos movimentos feministas e minoritários. Bem como a desregulamentação dos códigos emotivos proposta pelo movimento feminista, também a revolução sexual dos anos de 1970 alterou a dinâmica do relacionamento entre homens e mulheres. A liberdade sexual possibilitou um livre acesso à sexualidade, sem a necessidade do engajamento emocional, próprio do casamento. No entanto, o desenvolvimento capitalista permitiu ao homem ganhar sua vida fora da família, uma vez que o casamento deixou de significar a garantia de uma vida economicamente confortável, tornando-o menos dependente da esfera privada. Simultaneamente, a livre escolha do parceiro consentiu também o poder de decidir quando efetuar o enlace matrimonial, estimulando-o a adotar uma “sexualidade serial”. A autora aponta, no entanto, que essas transformações concebem desigualdades entre homens e mulheres, pois, para as mulheres que continuam desejando filhos e uma família estável, a margem de escolha é limitada, devido à necessidade de considerar o relógio biológico. Os homens, por sua vez, não possuem limitadores orgânicos para se reproduzirem, o que favorece a prática da sexualidade serial e lhes consente mais poder – visto que o poder na modernidade tardia está ligado à maior capacidade de escolha.

A autonomia individual, a liberdade e a escolha instauram uma espécie de “relativismo emocional”, ou seja, é a liberdade sexual que direciona a escolha emotiva e o faz para o prazer particular, seja por meio da instrumentalização do outro – o outro se torna um meio para o prazer – seja ampliando o capital emotivo-erótico da pessoa. Este comportamento estabelece uma desigual e intensa competição em relação a tudo o que envolve o encontro amoroso³⁷. A exigência da performance sexual que passa a avaliar o casal permanentemente –

³⁶ As relações amorosas se tornam caóticas, pois sem regras não há o que exigir do outro.

³⁷ A liberdade sexual modificou o que a autora chama de “ecologia de escolha”, pois multiplicou consideravelmente as amostras de escolha amorosa. A ecologia de uma escolha corresponde às restrições objetivas (estrutura espacial e sociológica do ambiente) que fazem com que se escolha determinado objeto ou cônjuge no lugar de outro. A liberdade sexual, portanto, organiza, enquadra e legitima as desigualdades, bem como faz a liberdade econômica (ILLOUZ, 2012).

do mesmo modo que o trabalhador deve sempre vencer os infinitos testes de competência – gera no casal a necessidade de comprovar a todo momento sua qualidade sexual e não emocional. Para sobreviver às expectativas sempre elevadas em relação ao desempenho sexual, os indivíduos se voltam espontaneamente para o “mercado do amor” ou são seduzidos pelas suas promessas de garantia de um melhor desempenho sexual (ILLOUZ, 2016).

A busca pela realização da “obsessão cultural da sexualidade” (ILLOUZ, 2016) e o eterno estado de avaliação de desempenho produzem tensões e situações sociais paradoxais. As promessas do mercado do amor alimentam a ação sexual arrebatadora e narcísica que visa elevar o número de conquistas para potencializar, em primeiro lugar, o capital erótico e depois os demais capitais – status, prestígio, poder. O fenômeno da metrificação dos relacionamentos amorosos pela sexualidade existente no seu interior, que submete e torna o indivíduo dependente das promessas e produtos ofertados pelo mercado do amor, leva-o à alienação da sua libido e do seu próprio corpo. A primeira alienação é resultado da própria erotização dos relacionamentos amorosos, enquanto a segunda, diz respeito à pressão por uma determinada aparência social: belo(a), jovial, esbelto(a), sedutor(a) e, sobretudo, sexy. Logo, ambas estão interligadas e estimulam a instabilidade nas relações sentimentais, amorosas e sexuais.

No capitalismo, toda mercadoria é produzida para ser trocada enquanto valor de troca (MARX, 1994), porém, como afirma Lukács (2012), seu caráter fetichista é um fenômeno específico do capitalismo moderno. O mercado do amor funciona produzindo internamente, a partir das próprias mercadorias, a ideia e a sensação de dependência das mesmas, traduzidas em uma espécie de amparo para a performance de sucesso. Dessa maneira, o mercado do amor, ao tomar para si a hegemonia ideológica e visual do que é o amor, faz com que esse sentimento seja capaz de acumular riquezas e de concentrar poder. Nesse sentido, ele desenvolve o que Illouz (2011) chama de “ecologia do amor” e também faz com que a potência contida no amor perca a sua capacidade de realização, reduzindo-o a um bem de consumo como outro qualquer. Esse mercado possui como motor a vulnerabilidade emocional causada pelo sofrimento amoroso, fragilidades que ele mesmo cultiva para a sua própria sobrevivência.

Isso posto, faz-se necessário observar que o sofrimento amoroso esteve presente ao longo de todo o processo civilizatório ocidental. Contudo, a singularidade deste sentimento na modernidade contemporânea está na avaliação que atinge a integridade do sujeito. O estado de sofrimento evidencia a “aparência social” (CARNEVALI, 2012) desta sociedade que está completamente voltada para a construção de indivíduos autônomos que devem ser capazes de controlar suas emoções, de vencer todos os obstáculos e todas as adversidades, de

ser “performáticos” (EHRENBERG, 2010b) e de manter elevada a imagem de sucesso, de autoestima e de estima social. Nesta cultura, portanto, o sofrimento emotivo remete de maneira negativa à ideia de fraqueza espiritual, o que prejudica o prestígio social do “capital humano” (FOUCAULT, 2008) que sofre. Pois, se a pessoa sofre de amor, demonstra que não é capaz por si só de expandir seu capital amoroso e erótico e, sendo assim, necessitaria de ajuda. Essa ajuda pode ser facilmente alcançada com a aquisição dos produtos oferecidos pelo mercado do amor, já que eles asseguram, ainda que promissoriamente, uma melhor performance nos relacionamentos íntimos e, assim, a recuperação da autoestima e da estima social.

3 AUTOAJUDA E VIDA EMOCIONAL

3.1 Dominação e sofrimento

Para o filósofo italiano Remo Bodei (2009), o desmoronamento das barreiras metafísicas e religiosas que separavam o *eu* da realidade natural (do próprio corpo) e da realidade social (dos outros e dos ambientes físico e político) produziu como efeito o esvaziamento de sentido da esfera particular de cada um, introduzindo-nos em um mundo imanente, desprovido da força emotiva e cognitiva de sólidos pontos de referência e orientação, relativizado e multicultural, composto pelas múltiplas formas de vida e de valores. Na primeira modernidade, o *eu*, livre dos limites tradicionais, foi obrigado a desenvolver o senso de vida imanente, passando a orientar-se no contato direto com a realidade física e cultural, exposto às constantes e incessantes transformações históricas da sociedade industrial e nacional, experimentando uma vulnerabilidade física e espiritual. O declínio das antigas autoridades tradicionais sacras e políticas impôs aos indivíduos a dura experiência do desenraizamento e da desorientação no espaço e no tempo histórico, bem como, a tendência de ser parte das novas forças sociais detentoras de prestígio e poder como a fábrica e o Estado-nação.

A necessidade das forças sociais e políticas em adequar as estruturas psíquicas dos indivíduos às exigências dos contínuos processos de modernização exigidos pela industrialização e urbanização foi realizada por meio de uma capacidade objetiva de construir novas formas de identificação e introjeção de valores, de agir no nível da subconsciência, de manipular as pulsões primárias e as paixões dos indivíduos e dos cidadãos, colonizando-os e reduzindo-os às pequenas partes de um novo todo absoluto: a sociedade capitalista e, nos momentos de maior crise social e política, nos regimes totalitários. Assim, o indivíduo orientado pelo sentido imanente da vida, integrante da sociedade de massa, que era disputado continuamente pelas forças políticas, foi “sempre mais” inclinado a imitar e a idolatrar as figuras que denotam prestígio e poder; “sempre mais” sensível às adulações e aos perigos do poder; “sempre mais” disposto a deixar-se guiar pelas ideologias contingentes; “sempre mais” resignado em se transformar inconscientemente em mais uma peça dessa engrenagem social de poder e política (BODEI, 2009, p. 251).

Na primeira modernidade, a força de adaptação dos indivíduos aos imperativos valorativos e morais, econômicos e políticos gerava conflitos e contradições, tensões e lutas sociais e políticas pela conquista da autonomia e da liberdade individual, além disso, dirigia-

se “[...] contra os limites impostos à liberdade pessoal e contra os poderes públicos que ameaçavam invadir e colonizar a esfera da *privacy* humana [...]” (BAUMAN, 2008, p. 40). Contudo, na segunda modernidade (seguimos a denominação efetuada pelo sociólogo alemão Ulrich Beck), com a dominação das demais esferas da vida pelo campo econômico, cada vez mais áreas da vida privada são liberadas da normatividade e conduzidas individualmente.

Ulrich Beck (2002) procurou compreender a passagem de época do *ser indivíduo* (que, desde as revoluções burguesas até o final da primeira modernidade, significava poder existir como um *eu*, mas subordinado, controlado e disciplinado pela família, sindicato, partido e Estado) para o tempo histórico de *fazer-se indivíduo*: estar desincrustado, viver livre do peso constritor dos sistemas sociais fechados (desde a questão valorativa até a questão das fronteiras, passando pelas forças sociais e políticas que normatizavam o senso da vida pessoal e coletiva). Na segunda modernidade, a liberdade do indivíduo é profundamente ampliada, podendo se manifestar em sistemas sociais abertos e produzindo uma existência indeterminada e incerta, arriscada e precária. A individualização gera uma expansão não apenas das formas de vida e de relacionamento (que se tornaram múltiplas e diferenciadas, desvinculadas e autônomas), mas também potencializa a desestabilização dos sistemas sociais em todos os campos: econômico, político, cultural e social. O indivíduo na era do individualismo institucionalizado elege, opta, escolhe não mais seguindo valores cristalizados em normas e padrões coletivos. A existência livre de condicionamentos rígidos torna o indivíduo um ser social que elege e opta segundo sua própria vontade no fluxo de possibilidades existentes nos sistemas sociais abertos.

Ulrich Beck e Elizabeth Beck-Gernsheim, em *A individualização. O individualismo institucionalizado e suas consequências sociais e políticas*, listam as características do indivíduo contemporâneo:

1) O desenraizamento dos condicionamentos coletivos da família, da classe e do Estado-nação: a acelerada perda de prestígio e de poder das figuras do pai, do líder do sindicato, do padre, da liderança política e do chefe de Estado. É um fenômeno que se manifesta desde o fim da democracia moderna;

2) A atomização da existência: a perda de prestígio das figuras que orientavam e estabeleciam os valores hegemônicos e os pontos de referência para a ação do indivíduo na primeira modernidade foi transferida para novas figuras, tais como os especialistas, os âncoras dos talk shows, os managers, os profissionais de alto rendimento que se comunicam diretamente com o indivíduo;

3) A vida pessoal desincrustada do espaço social de origem e do tempo histórico da primeira modernidade: a vivência dentro da autonomia *de jure* (não necessariamente de fato) que possibilita ao indivíduo sentir, pensar, agir e julgar por si mesmo através dos valores que elegeu e das experiências que se identificou;

4) A ampliação de possibilidades de ser outro, de existir diversamente: os fenômenos sociais do desenraizamento, da atomização e da desincrustação são potencializados pelas revoluções tecnológicas e científicas que ampliam a vontade e o desejo de existir e de agir diversamente.

As profundas transformações ocorridas na política (o fim do mundo polarizado, o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o esvaziamento do Estado Social), na economia (os processos de desregulamentação das movimentações dos capitais, o capitalismo móvel e global, o fim do pleno emprego, o trabalho flexível e precário), na tecnologia (as revoluções nos transportes, na microeletrônica, na robótica; o advento da internet e os novos meios de comunicação digital) estimulam o indivíduo a ir além dos limites da vida que vigoravam na primeira modernidade: 1) os limites naturais do corpo; 2) os limites religiosos; 3) os limites culturais e 4) os limites políticos. A vida, sem limites religiosos e morais e sem contenção política, vaga errática na nova ordem mundial. A soberania do *eu*, estimulada e potencializada pelas forças econômicas, não se submete à linearidade do natural e do político. O triunfo do capitalismo e, sobretudo, a força cultural, econômica e política do neoliberalismo produziram novas geometrias políticas para a ação e relação social, imputando ao indivíduo novas tarefas e obrigações:

1) A necessidade de se fazer escolhas e tomar decisões em um período cada vez mais curto: na nova ordem mundial, o acirramento da competição gera a brevidade do tempo e a necessidade de efetuar decisões sem ter plena consciência do que pode acontecer.

2) A existência não-linear: exposta ao risco, à contingência, à incerteza, ao imprevisto, ao fluxo de possibilidades e oportunidades, é a mudança mais profunda na subjetividade. A existência linear, que estava submetida e condicionada ao espaço e ao tempo histórico nacional, atuava segundo vínculos causais determinados pela família, pelo gênero, pelo grupo, pela classe e, sobretudo, pelo Estado-nação. O indivíduo, vinculado às estruturas sociais fechadas, agia segundo os valores transmitidos e ensinados pelas gerações passadas e pelas potências de formação cultural. Logo, a subjetividade era determinada e condicionada pela objetividade existente nos valores, normas e leis. Na segunda modernidade, a subjetividade desincrustada não segue o curso de nenhuma *linearidade* determinada pelas potências de formação cultural da primeira modernidade: a existência não-linear pode assumir

em sua vida as formas mais diversas e plurais, que, no seu curso, podem se manifestar de modo antitético, contraditório.

3) O juízo reflexivo: a busca do próprio *eu*, do sentido e do significado da sua vida, da sua identidade, dos seus valores, da sua conduta e do senso de orientação e referência. A vida autobiográfica e a necessidade de realizar a si mesmo geram um aumento do esforço e dos riscos.

Como consequência, a segurança da vida e das condições sociais sustentadas coletivamente também são continuamente reduzidas, configurando um cenário de insegurança generalizada.

Na sociedade capitalista contemporânea, o sistema de poder é construído, sobretudo, por meio da difusão da liberdade negativa e privada, da comunicação ilimitada, da sedução e da dependência: é um sistema que se aproveita da liberdade do indivíduo em opinar, em manifestar seus desejos e gostos, em contar suas experiências. O sistema não mais reprime ou controla a liberdade, mas a domina por meio da sedução da vida líquida: é um poder inteligente, capaz de utilizar as informações dos indivíduos para aumentar de maneira excessiva a positividade³⁸ na sociedade.

Ao longo do século XX, a capacidade de dominação foi ampliada, desenvolvendo uma espécie de manipulação da realidade que envolve tanto a força das palavras³⁹ e das ideias quanto das emoções e sentimentos. As palavras e as imagens criadas pela força econômica e política hegemônica e difundidas mundialmente pelos meios de comunicação e informação de massa não apenas produziram uma determinada forma de percepção, conhecimento e compreensão da realidade social, como também foram capazes de formar, por meio do processo de colonização das consciências, uma nova subjetividade e uma nova forma de vida e de existência humana: o indivíduo desvinculado de relações profundas, atomizado, empreendedor de si mesmo, capital humano que sente, pensa e age segundo a lógica de maximizar suas vontades e desejos, bem como vencer as sucessivas competições.

A ilusão da liberdade total, difundida midiaticamente de maneira intensa nos anos de 1990, produziu o fenômeno da interiorização da autoexigência pelo rendimento. Assim, a liberdade pessoal e privada incorporou o imperativo da produtividade e da “performatividade” (EHRENBERG, 2010b) de modo que, antagonicamente, o sujeito passou a ser também aquele que se autolesiona em todas as esferas da vida, seja no trabalho, seja nos relacionamentos

³⁸ O termo positividade se refere a uma sociedade não mais reflexiva e contemplativa, mas de ações, empreendedora.

³⁹ Como observou Bourdieu (1999), a linguagem funciona como marcador simbólico da dominação.

íntimos ou nos demais âmbitos sociais. A responsabilidade pela própria vida aumenta a pressão pela competitividade e pelo rendimento, provocando a sensação de desintegração da solidariedade e do senso de comunidade, o afastamento do outro e a solidão, o esgotamento da energia e o cansaço, as depressões e a síndrome de *burnout*⁴⁰, o stress e até mesmo o suicídio.

Assim, a estrutura de dominação neoliberal produziu a “sociedade do cansaço” (HAN, 2015), cujo excesso de positividade, de competitividade e de rendimento deteriora a condição de vida do indivíduo que, vivendo a ilusão da mais plena liberdade de escolha e de ação, não percebe o custo das exigências impostas a ele. É lógico observar que os agentes realizam escolhas e decidem sobre elas a partir de uma determinada estrutura social na qual estão inseridos. Porém, no caso da sociedade capitalista global, com o campo econômico procurando constantemente se sobrepor aos outros, definindo e controlando as relações sociais e os comportamentos individuais,

[...] caminhamos em direção a universos nos quais, cada vez mais, serão necessárias justificativas técnicas, racionais, para dominar, e nos quais os próprios dominados poderão e deverão, cada vez mais, utilizar-se da razão para defender-se da dominação, já que os dominantes, cada vez mais, invocarão a razão e a ciência para exercer sua dominação (BOURDIEU, 1996, p. 156).

Dessa forma, o consciente coletivo tende a acreditar na capacidade racional de cada um e a cobrar a resolução de problemas, valendo-se de recursos que são também pessoalmente controlados. O peso da responsabilidade leva as pessoas ao apavoramento diante dos desafios impostos: devido ao reconhecimento da falta de recursos próprios para solucioná-los, surgem sentimentos como a perda da autoestima, o medo de ser humilhado, abandonado, excluído e de ter a dignidade negada. “[...] Temos medo sem saber de onde surge a nossa ansiedade e quais são exatamente os perigos que provocam” (BAUMAN, 2008, p. 41).

O sofrimento psíquico encontra, ao longo do tempo, formas paradigmáticas de existência que se modificam de acordo com as transformações dos laços sociais no trabalho, nas relações familiares, na relação consigo mesmo, etc. Freud (1890-1930) legitimou o sofrimento psíquico, identificando na sua sociedade os sofrimentos vinculados à disciplina imposta pelas forças tradicionais da ordem. Eternizadas como as quatro formas primeiras de sofrimento, as “neuroses de transferência” compreendiam a histeria, a fobia, a neurose

⁴⁰ Sensação de euforia seguida de depressão no ambiente de trabalho.

obsessiva e o sentimento de culpa⁴¹. De maneira encadeada, a partir dos anos de 1940, o contexto social impulsionou novas formas de sofrimento: as neuroses de caráter. Estas possuem como causa a ausência de limites e repressão. São neuroses narcísicas – e não mais edípicas –, ligadas à autonomia e à perda dos vínculos sociais que asseguravam a identidade pessoal e coletiva, a segurança e a proteção, os direitos e os deveres sociais. Caracterizam indivíduos que sofrem, mas que, na maioria das vezes, entendem seu estado como algo próprio da sua personalidade; aqueles cujos sentimentos são de inadequação, de vazio, de perda de sentido em tudo o que se costuma fazer, e de exílio em relação ao mundo⁴². Os anos de 1980 experimentaram o sofrimento daqueles que se perturbam com relacionamentos interpessoais que envolvem a constituição de vínculo social. São personalidades que não conseguem lidar com as expectativas e exigências impostas pelos laços sociais. Nos anos 2000, os sofrimentos colocados pelas neuroses de caráter conduzirão às patologias como depressão, síndrome do pânico, distúrbios alimentares (anorexia, bulimia), entre outras.

Assim, a atual sociedade capitalista ocidental é um sistema produtor e, ao mesmo tempo, gestor de patologias. Cada patologia contém uma “gramática social do sofrimento” estabelecida pela medicina do seu tempo, encerrando uma determinada identidade social (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2018). Contudo, o sofrimento é visto nessas sociedades como algo insuportável do qual é preciso se afastar, pois evidencia fragilidade, ausência de autocontrole e incapacidade de lidar com as dificuldades; logo, revela um indivíduo fraco, impotente, já que incapaz de, ao mesmo tempo, lidar sozinho com as pressões, vencer obstáculos e manter a alta performance. A partir dessa cultura de enfraquecimento emocional do sujeito, podemos compreender a expressão alcançada pela linguagem terapêutica da psicologia e o surgimento da economia de autoajuda – um dos principais setores de produção de mais-valia desde a década de 1990. De modo geral, o sucesso está no que é prometido: uma receita para potencializar a ação do indivíduo em todos os campos de atuação, desde a vida privada – nos relacionamentos afetivos e amorosos – até

⁴¹ Contemporaneamente a Freud, em 1890, o psiquiatra norte-americano George Miller Beard observou a síndrome da neurastenia. Descrevendo como sua causa a vida moderna – o ritmo atribulado da vida urbana, na qual as pessoas trabalham demais e desfrutam de menos –, o autor já havia identificado o trabalho como fonte de um tipo específico de sofrimento. O indivíduo neurastênico contém em si o conjunto de signos que compreende os sentimentos de irritabilidade, nervosismo e sensibilidade acentuada ao barulho.

⁴² O historiador norte-americano Christopher Lash (1932-1994) criou o termo “cultura do narcisismo” para identificar uma sociedade cujas formas de sofrimento revelam como se dá a vida social. Outros autores críticos sociais e inspirados pela psicanálise, como Guy Debord, Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman, seguiram pelo mesmo caminho analítico.

na estima coletiva e no trabalho, tornando-o capaz de ter total controle sobre si e sobre os outros e de ser permanentemente disciplinado para atingir o “sucesso” dentro dessa estrutura.

O discurso da autoajuda, definido pelos ideais de felicidade, bem-estar e sucesso pessoal e pela capacidade de criar e administrar o sentido da vida, produz novas formas de existência e de relacionamentos, dentro dos quais os indivíduos são cada vez mais frágeis e dependentes do auxílio de especialistas e experts. Como problematiza Illouz (2008):

Graças ao consumo e à prática terapêutica, o eu foi suavemente integrado às instituições da modernidade, fazendo com que a cultura perdesse seu poder de transcendência e oposição à sociedade. A própria sedutividade do consumo e da autoabsorção terapêutica marca o declínio de qualquer oposição séria à sociedade e ao esgotamento cultural geral da civilização ocidental. Não mais capaz de construir heróis, valores vinculativos e ideias culturais, o eu se retraiu dentro de sua própria concha vazia. Ao nos convidar a nos retirarmos para dentro de nós mesmos, a persuasão terapêutica nos fez abandonar os grandes domínios da cidadania e da política e não pode nos fornecer uma maneira inteligível de vincular o eu privado à esfera pública, porque esvaziou o eu de sua comunidade e conteúdo político, substituindo este conteúdo por um autointeresse narcísico (ILLOUZ, 2008, p. 2, tradução nossa).

O discurso terapêutico de autoajuda consiste em um fenômeno que traduz a tendência da modernidade em avaliar patologias e emoções em termos do *eu* – visto que se inclinam a considerar o sofrimento como determinado unicamente pelo *eu* frágil e patológico da pessoa – e revela como a sociedade capitalista tem transformado as paixões e a psique ao promover um amplo processo de alienação e reificação principalmente das relações afetivas. Para Illouz (2008), a análise dos usos e dos efeitos deste discurso terapêutico na vida cotidiana, tem o poder de revelar o *ethos* emocional das sociedades capitalistas contemporâneas. No entanto, as reflexões acerca da psicologização da vida social acabam confrontando, principalmente, tanto as teorias desenvolvidas pela Escola de Frankfurt, quanto aquelas de inspiração foucaultianas⁴³. Mas para Illouz (2008) não se trata apenas de um “declínio cultural” ou do que ela chama de “epistemologia da suspeita”⁴⁴. Independentemente das potenciais consequências negativas sobre a vida social, sua análise dos usos e dos efeitos

⁴³ Para a teoria crítica, o discurso terapêutico sinaliza uma profunda mudança cultural nas sociedades ocidentais: o indivíduo como ator e eixo da ordem social é substituído pela imagem do sujeito despolitizado e assombrado por uma busca narcísista de realização pessoal que não passa mais pelo cumprimento das funções públicas. Os foucaultianos, por sua vez, entendem o *ethos* terapêutico enquanto uma nova modalidade de poder, pois o terapeuta representa uma espécie de empreendedor moral que torna patológico o desvio à norma socialmente estabelecida, já que, ao contrário do que realiza a prática médica clássica, é o sujeito quem deve investigar as razões de estar doente. Portanto, o diagnóstico é resultado do trabalho solitário e introspectivo do paciente. Logo, seria o reforço da norma se confundindo com a promessa de autoemancipação (FOUCAULT, 2007).

⁴⁴ “Epistemology of suspicion”

do discurso terapêutico na vida cotidiana revela que não há um efeito único de “vigilância” ou “biopoder”, mas, ao contrário, que esses usos e efeitos diferem significativamente entre si de acordo com o campo no qual ocorrem: se no âmbito do casamento, da corporação ou da universidade.

3.2 O discurso terapêutico de autoajuda

A ideia de saúde mental e bem-estar psíquico desfrutou de um imenso sucesso e desenvolvimento nos EUA no decorrer do século XX. Illouz (2008) defende como uma das causas da enorme ressonância do discurso terapêutico a sua rápida institucionalização pela maioria das esferas sociais – organizações econômicas, mídia de massa, educação infantil, intimidade e sexualidade, escola, exército, programas de reabilitação carcerário, e até mesmo na gestão de conflitos internacionais. Entretanto, o processo de institucionalização do discurso terapêutico esteve intimamente ligado à ascensão da psicanálise nos EUA. Para a autora, a personalidade carismática de líder audacioso e ambicioso de Freud foi capaz de convencer e reunir personalidades em torno do seu conhecimento que tomou forma de seita religiosa, fabricando crenças⁴⁵, transformando suas teses em doutrina.

Para Illouz (2008), outra característica responsável pela ascensão da psicanálise foi o forte assento médico das teses de Freud. Os atores foram conquistados pelos temas abordados pelo autor os quais fascinavam⁴⁶ pela maneira de compreender os aspectos que atribuíam sentido às transformações que ocorriam na esfera privada a partir da segunda metade do século XX. Politicamente, a psicanálise foi aceita tanto entre os liberais quanto entre os conservadores norte-americanos. Os primeiros foram envolvidos pela discussão livre sobre a sexualidade e também pela possibilidade de questionamento acerca da estrutura familiar tradicional. Já os segundos encontraram nas teses freudianas uma formidável justificativa para a manutenção das desigualdades nas relações sociais entre os sexos, com o objetivo de defender a ordem familiar tradicional. Assim, como na época as ciências sociais se contentavam apenas em investigar o sentido das transformações sociais, e a medicina clássica se interessava muito pouco pela vida psíquica e emocional dos pacientes, a psicanálise ocupou convenientemente esse espaço.

⁴⁵ Como um crente busca sua cura por meio da fé, o paciente também busca, por meio da cura psicanalítica, se livrar dos seus próprios demônios.

⁴⁶ Interpretação dos sonhos, releitura dos mitos, o inconsciente, os lapsos, a sexualidade infantil.

Movida pela racionalidade neoliberal, a ciência psíquica, que não buscava mais a compreensão da alma e do espírito, mas que se dedicava a conhecer a personalidade humana, foi rapidamente apropriada e vulgarizada pela imprensa e mídias influentes. Nesse ímpeto, Illouz (2011) observou o movimento norte-americano de redução do psiquismo a forças biológicas e sociais e sua primeira expressão: o mundo do trabalho. O esgotamento do taylorismo assinalou uma fase importante do capitalismo (ILLOUZ, 2008). A racionalização taylorista do trabalho passou por uma definição burocrática das tarefas a serem executadas, porém, manteve o foco sobre a força de produção, não abordando a questão da personalidade do funcionário. A absorção da psicologia pelo mundo do trabalho foi o que inverteu essa dinâmica⁴⁷.

As primeiras intervenções de psicólogos nas firmas norte-americanas remetem aos anos de 1930. Elas coincidem com a tomada de consciência pelos quadros dirigentes sobre a terceirização inevitável de uma parte da produção e sobre a adaptação a esta nova conjuntura que não poderia se realizar sem uma profunda transformação no modelo de gestão e supervisão de funcionários. Ao se psicologizar, o trabalho modificou a cultura emocional: o *homo oeconomicus* cedeu espaço ao *homo communicans*. Nesse movimento, as distinções de gênero perderam sua virulência, dando espaço a uma certa “androgenização” das condutas emocionais.

Historicamente, entre 1880 e 1920, a expansão capitalista norte-americana foi intensa, ininterrupta e direcionada para uma economia de serviços. O desenvolvimento econômico foi acompanhado pelas teorias de administração e pela presença dos psicólogos clínicos que passaram a ser recrutados pelas empresas a fim de garantir a sistematização e a racionalização dos processos de produção. Os psicólogos, ao importarem as categorias terapêuticas para o local de trabalho, valorizando o componente afetivo dos relacionamentos interpessoais nesse ambiente, revolucionaram as teorias de administração e redefiniram o perfil de empregado a ser contratado pelas empresas. O discurso científico com ênfase sobre o *eu*, seus sentimentos e relacionamentos foi ao encontro dos sentimentos de instabilidade e insegurança gerados pelas crises cíclicas do capitalismo e pelo grande mal-estar durante a

⁴⁷ Esta reversão se deve em parte aos trabalhos clássicos de Elton Mayo, um dos primeiros a falar do que chamaríamos mais tarde de “capital social”. George Elton Mayo é o psicólogo e sociólogo responsável pela criação da Teoria das Relações Humanas: um conjunto de teorias administrativas que ganharam força com a Grande Depressão. As novas ideias trazem uma nova perspectiva para a recuperação das empresas de acordo com as preocupações de seus dirigentes, que começou a tratar de forma mais complexa os seres humanos, buscando conhecer as atividades e sentimentos dos trabalhadores e estudar a formação de grupos.

recessão da década de 20, consolidando-se enquanto um novo “estilo de pensamento” (ILLOUZ, 2011).

O novo desenvolvimento da gestão deveria servir como uma alternativa capaz de reumanizar o trabalho e atualizar uma parte da ideologia produtivista taylorista, enquanto se inscreviam novas determinações como a responsabilidade, a autonomia, a flexibilidade e ainda a criatividade. Integrando a dimensão psicossocial dos atores, as técnicas de gestão visavam a codificação dos comportamentos com a finalidade de previsão das possibilidades de ação – na lógica de conhecer para prever, prever para dominar – e do aumento da sua eficiência produtiva. Os termos “igualdade”, “cooperação” e “capacidade de comunicação” presentes no discurso psicológico, estabeleceram uma nova forma de sociabilidade e de afetividade, democratizando as relações de poder ao afirmar a personalidade do indivíduo e não mais sua colocação social como o que lhe possibilitaria o sucesso profissional. A necessidade de construção de um *eu* positivo, de elevada autoestima, produtivo e performático, alcançou todos os campos da vida social, dando origem às teorias econômicas do “management” e da “inteligência emocional”. A psicologia comportamental norte-americana, ao propor a organização da psique do indivíduo desamparado, acabou ocupando os lugares tradicionalmente pertencentes à família, à religião e à sociedade em suas instâncias formativas (escolas e universidades, por exemplo).

Para Illouz (2008), ao reintroduzir o humano ao centro das preocupações organizacionais, o gestor transformou as modalidades de ação empreendedoras ao instalar um novo estilo emocional no mundo do trabalho, na verdade, uma nova forma de controle emocional. O ideal do tecnocrata capitalista despersonalizado, capaz de canalizar suas emoções de modo a jamais as expressar no trabalho, se esgotou. Esse tipo de racionalização emocional do comportamento tipicamente masculino, foi substituído pela do gestor empático, capaz de inspirar a confiança e de compreender as necessidades pessoais dos membros de sua equipe. Esse fenômeno fez com que as diferenças simbólicas entre atributos tipicamente femininos e masculinos fossem enfraquecidos no ambiente profissional (ILLOUZ, 2008). Ao se sentimentalizar, o mundo do trabalho não mais se diferencia do mundo doméstico: a passagem de um ao outro não consiste mais em uma redefinição emocional total dos papéis sociais. A dicotomia entre vida familiar privada e vida profissional pública perde sua razão de ser.

Desse modo, a psicologização da vida social transpôs os limites do mundo do trabalho e ganhou a esfera familiar. Na intimidade, as modalidades do discurso terapêutico não são exatamente as mesmas, mas a racionalização da vida privada e a promoção da

comunicação transformaram as relações conjugais entre homens e mulheres. A apropriação do discurso terapêutico pelos atores produz neles a certeza de que devem organizar e administrar suas vidas íntimas de maneira próxima ao que fazem com sua vida profissional para que obtenham sucesso e reconhecimento. Assim, da sexualidade à comunicação conjugal – passando pela educação das crianças – tudo se torna uma questão de conhecimento, de técnicas, de boas atitudes que lhes convêm não apenas adquirir, mas também objetivar por meio de comparações (*storytelling*)⁴⁸ e de testes psicológicos.

O discurso terapêutico conseguiu interferir de maneira sistemática na esfera privada, pois apareceu como uma solução racional para os conflitos conjugais⁴⁹. No entanto, para Illouz (2008), a racionalização da intimidade está diretamente ligada ao “desencantamento” da vida íntima. A autora explica que, para que o sentimento amoroso seja codificado nos padrões pseudocientíficos, médicos, sua dimensão encantada – o maravilhar-se, o extasiar-se, a sedução – precisa ser suprimida, deixando a esfera das paixões para adentrar no mundo racional. O mesmo ocorre com a sexualidade: o discurso terapêutico teria contribuído também com a mecanização e com a padronização da relação sexual ao redefinir suas práticas de maneira completamente fria e deserotizada.

Desse modo, quando a ideia de “parceria”, nascida no discurso dos psicólogos⁵⁰ no âmbito empresarial, desloca-se para a esfera íntima, racionaliza-se a dinâmica de vida do casal. No entanto, pensar o cônjuge como um “parceiro” desqualifica a simetria emocional adquirida no mundo do trabalho e reforça na intimidade as diferenças que mantêm os papéis tradicionais de homens e mulheres (ILLOUZ, 2008). Isso porque, essa racionalização faz com que as normas patriarcais – ainda existentes dentro do relacionamento, a despeito da “parceria” ficcional – não fossem mais frontalmente combatidas pelo seu caráter repressor, e a crítica a essa estrutura passou, portanto, a ser menos perturbadora do que aquela propagada pelo feminismo no mesmo período (ILLOUZ, 2008). Produzindo uma concepção moderada de igualitarismo conjugal, que trouxe consigo uma retórica mais científica e médica do que política, tal racionalização favoreceu a evolução de representações igualitárias,

⁴⁸ Em seu trabalho *Oprah Winfrey and the Glamour of Misery: an Essay on Popular Culture* (2003), Illouz analisa a persona da apresentadora televisiva norte-americana, internacionalmente conhecida, Oprah Winfrey, como uma forma cultural: como aquela que atingiu o sucesso no mundo no qual os sistemas de crenças e valores estão em crise e não há mais um caminho pré-determinado a seguir para o reconhecimento. Ao contar a sua história pessoal, Oprah fez dela e de si mesma uma referência habilitada em aconselhamento.

⁴⁹ O terapeuta aparece mais como um mediador capaz de reestabelecer o diálogo entre o casal do que como um médico cujo objetivo é curar doenças (ILLOUZ, 2008).

⁵⁰ Os psicólogos buscavam padronizar os comportamentos individuais de homens e mulheres no local de trabalho, por meio do estabelecimento de regras emocionais. Isso fez com que as diferenças de gêneros fossem equilibradas, criando uma simetria no relacionamento entre os sexos.

transformando, por exemplo, as relações familiares nas classes média e média alta norte-americanas (ILLOUZ, 2008).

Insistindo que as regras que regem a expressão das emoções devem ser apreendidas reflexivamente, o discurso terapêutico tornou a vida emocional uma questão da classe média e talvez ainda mais especialmente para as mulheres. Sugiro que aqui está o que pode significar uma grande diferença entre diferentes categorias da cultura emocional, separando a classe média de homens e mulheres da classe trabalhadora. [...] as dificuldades emocionais em nossa sociedade podem ter menos a ver com diferenças entre homens e mulheres – quais emoções são sentidas – do que com regras e estilos emocionais, como membros de diferentes grupos sociais se envolvem ou se desvinculam do reino emocional. A classe média tem sido caracterizada por uma intensa introspecção e reflexividade, e mesmo que essa reflexividade seja mais pronunciada entre as mulheres, os homens estão se unindo na racionalização da intimidade (ILLOUZ, 2008, p. 150, tradução nossa)⁵¹.

A partir dessa observação, é possível identificar as afinidades que vincularam o discurso psicológico ao pensamento feminista: a questão da igualdade entre os sexos, uma categoria do discurso psicológico e também a principal bandeira do movimento feminista.

O *ethos* emocional produzido pelo discurso terapêutico se tornou ainda um instrumento de categorização e de hierarquização social. A cultura terapêutica não permite apenas dotar de sentido determinadas ações, mas ela em si passa a ser considerada um recurso indispensável para obter determinados bens culturais. Sob influência da psicologia clínica, os comportamentos emocionais foram objeto de análises e de muitos testes a partir de 1920. Foi nesse período que os primeiros testes de personalidade despontaram. Originalmente, eles foram empregados por razões puramente médicas, pelas quais os pesquisadores clínicos procuravam identificar doenças para definir seu diagnóstico. Progressivamente, esses testes e suas finalidades evoluíram.

Os critérios sobre os quais, inicialmente, os testes psicológicos se baseavam tiveram que se adaptar a outras demandas de saúde pública – econômicas e militares, por exemplo. Assim os testes psicológicos de comportamento e de inteligência se impuseram na paisagem social. No decorrer de vinte anos esses testes psicológicos se tornaram uma verdadeira indústria que gera mais de quatrocentos milhões de dólares do volume de negócios

⁵¹ By insisting that the rules governing the expression of emotions are to be learned reflexively, the therapeutic discourse has made emotional life a matter of the middle class and perhaps even more especially for women. I suggest that here lies what may be a major area of differences between different categories of emotional culture, separating middle class from working-class men and women. [...] the emotional fault lines in our society may have less and less to do with differences between men and women emotional content - which emotions are felt - than with emotional rules and styles, how members of different social groups engage in or disengaged from the emotional realm. Middle class has been characterized by an intense introspectiveness and reflexivity, and even if such reflexivity is more pronounced among women, men are joining in the rationalization of intimacy (ILLOUZ, 2008, p. 150).

anuais nos EUA (ILLOUZ, 2008, p. 201). Ao lado do célebre teste de Q.I.⁵², existe desde 1990 o I.E., teste que mede a inteligência emocional e que veio se institucionalizando. Oitenta das cem maiores empresas norte-americanas se inspiram no I.E. para recrutar seus funcionários (ILLOUZ, 2008). Ele se impôs ao lado do Q.I. como um instrumento de seleção social, um critério de recrutamento⁵³. Alternativo e mais afinado com a cultura emocional, “[...] o I.E. se tornou uma maneira de classificar os trabalhadores mais e menos produtivos, desta vez, pela linha das habilidades emocionais em vez das cognitivas” (ILLOUZ, 2008, p. 210, tradução nossa)⁵⁴.

Para Illouz (2008), portanto, “vestir uma determinada roupa emocional” não segue mais a simples lógica de ser quem se é em determinadas situações. É necessário dispor de um repertório emocional organizado para legitimar cada posicionamento e, nessa estrutura, são os psicólogos os responsáveis pela validação dos *ethos* emocionais e por transformá-los em competências sociais. Desse modo, a psicologização da vida social possui papel decisivo na estratificação da sociedade⁵⁵, marginalizando aqueles que não possuem acesso aos recursos necessários para desenvolver uma I.E. desejável e que lhes ajudaria a lidar com as expectativas depositadas sobre elas diariamente⁵⁶. A I.E. constitui, portanto, mais uma forma de se obter sucesso dentro da estrutura social que serve àqueles cujos trabalhos pressupõem cooperação, ou seja, trabalhos nos quais as pessoas necessitam estar alertas às suas necessidades e também para os modos de falar e de ser dos outros (ILLOUZ, 2008). Trabalhos com a cooperação como fator dinâmico central se concentram no setor de serviços: são ocupações nas quais as pessoas necessitam exercer sua autonomia impondo suas vontades e seus modos de pensar, ao mesmo tempo em que precisam cooperar com os outros, cuidando para que não sejam autoritárias. Assim, a I.E. combina e condensa muitos opostos sociológicos e culturais, padronizando-os e organizando-os⁵⁷.

⁵² O quociente de inteligência (Q.I.) é um valor obtido em testes psicológicos que avaliam a capacidade cognitiva do sujeito. O Q.I. foi empregado na classificação de pessoas no exército e também utilizado no local de trabalho com a finalidade de aumentar a produtividade das pessoas, de acordo com as suas capacidades cognitivas (ILLOUZ, 2008).

⁵³ Este teste não possui o mesmo peso do diploma, mas uma baixa pontuação obriga os candidatos a se justificarem ou simplesmente a refazê-lo até que um resultado aceitável seja alcançado.

⁵⁴ [...] EI has become a way to classify productive and less productive workers, this time along the lines of emotional rather than cognitive skills (ILLOUZ, 2008, p. 210).

⁵⁵ Freud (1997) já havia considerado que o pertencimento social e a vida psíquica dos indivíduos estão intimamente relacionados, por isso cada classe social possui suas próprias neuroses.

⁵⁶ As pessoas que não se encaixam nas estruturas sociais disponíveis, seja por limitações sociais ou físicas, que por sinal são as mesmas pessoas das quais se espera que sejam autores da própria vida, Illouz (2008) chama de *losers*.

⁵⁷ Determinando o *habitus* desses trabalhadores.

As organizações políticas liberais se desenvolveram de maneira que aos sem recursos só restou o emprego da pena e da compaixão como artifícios políticos e, muitas vezes, o estereótipo de mentalmente doentes. Estatisticamente, nos EUA, uma em cada cinco pessoas de uma população de trezentos e cinquenta milhões é diagnosticada com alguma doença mental. Para Illouz (1997), esses números refletem uma categorização grosseira de pessoas que de alguma maneira se desviam das normas e que por isso são tachadas de doentes mentais. Isso revela a incapacidade que temos hoje de pensarmos as condutas em termos morais, pois nos habituamos a realizar esse tipo de avaliação apenas em termos psicológicos, por exemplo, se uma pessoa “normal” não cometeria determinado crime, logo, a pessoa que o cometeu é “anormal”, louca ou mentalmente doente. Contudo, um dos grandes responsáveis pela expansão da categoria de doença mental é o sistema de leis, pois, juridicamente, essa categoria está ligada à ideia de responsabilidade⁵⁸.

O segundo fenômeno responsável pela expansão dessa categoria é a indústria farmacêutica que, aparentemente, tem melhor compreendido o funcionamento do cérebro a partir do desenvolvimento de novos medicamentos, os quais são estranhamente desenvolvidos antes mesmo de se conhecer a doença para a qual ele será a solução. Uma vez criado o medicamento, ocorre a necessidade de se formular uma série de sintomas para que ele possa ser comercializado. Esse fato, em conjunto com a difusão do Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)⁵⁹, forma uma ponte institucional entre psicólogos, psiquiatras e as companhias de seguros que impulsiona a propagação da categoria de doenças mentais. As diferentes motivações em jogo, seja da indústria farmacêutica, dos psicólogos, das companhias de seguro, ou daqueles que alegam doença mental para não serem responsabilizados pelos seus atos, reúnem, assim, diferentes esferas com o mesmo interesse de promover a categoria de doença ou transtorno mental.

De acordo com Illouz (2008), uma parte importante do discurso terapêutico corresponde ainda a um esforço comercial inteiramente dedicado a fornecer conselhos e até mesmo receitas reais para a autorrealização. O discurso terapêutico reúne e reduz as maneiras

⁵⁸ No Brasil, nos casos de crimes em que há de forma comprovada a doença mental – por meio de laudo de profissional do juízo –, entende-se a irresponsabilidade penal e é instituída a imputabilidade. Com a imputabilidade, a responsabilidade do julgado é excluída por não caracterizar a intenção. Sendo assim, não é aplicada pena, mas medida de segurança.

⁵⁹ O DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), além de manual é também um modo de estruturar o reembolso aos profissionais da área por parte das companhias de seguros. O DSM constitui a ponte que liga estes profissionais com as grandes empresas de seguros. Os dados registrados pelos profissionais no DSM – diagnósticos de novas patologias mentais e emocionais – são compartilhados com as seguradoras que, por sua vez, os fornecem para a indústria farmacêutica (ILLOUZ, 2008).

de ser, os estados afetivos, os modos de comunicação e de comportamentos, padronizando-os de acordo com o que as expertises pseudocientíficas e médicas acreditam ser o saudável e indispensável ao bem-estar emocional. E todo comportamento que não esteja presente ou que se afaste desse conjunto generalizado de critérios se torna estranho e patológico. Ansiosos pelo próprio bem-estar ou de seus próximos, os consumidores se veem seduzidos pelos conselhos dos terapeutas para solucionar problemas de comunicação conjugal, de sexualidade, de educação dos filhos, de relações familiares, etc. Portanto, a coerência do discurso terapêutico e a cultura da individualidade⁶⁰ explicam o incrível *boom* econômico desta “indústria de bem-estar” (ILLOUZ, 2008).

De fato, foi nos EUA – mais do que em outros países ocidentais – que o indivíduo foi ressaltado como principal agente da ordem social. A centralidade do “individualismo institucional” provém tanto da ideia de igualdade de direitos e da tradição protestante quanto da figura empreendedora de sucesso econômico. O discurso terapêutico se estabeleceu sobre essa base, introduzindo uma nova dimensão: a da autorrealização. Para Illouz (2008), o sucesso da inserção social do discurso terapêutico está, em primeiro lugar, no fato dele ser um discurso genérico que pode ser aplicado em todos os domínios da vida emocional; em segundo, ele se destina tanto ao consumidor quanto ao paciente de fato, misturando essas duas categorias; em terceiro, ele fez do bem-estar um estado psíquico que depende apenas de se trabalhar as competências individuais. Por fim, o discurso terapêutico é uma linguagem cultural que articula os estados emocionais da ordem da vida privada e as reivindicações em termos de direitos e reconhecimento na esfera pública.

Enquanto uma linguagem cultural, o relato de sucesso profissional mediado pelo sucesso econômico na esfera pública coexiste com o relato, também heroico, de realização de si na esfera privada. Portanto, ambos estão associados ao discurso de sofrimento individual. Desse modo, ao colocar seu sofrimento emocional como um aspecto de sua identidade, o indivíduo deixa o status de paciente para o de vítima. Anteriormente, no heroísmo tradicional norte-americano do “*self-made man*”, a adversidade era colocada como algo externo ao indivíduo que deveria se impor e lidar com as dificuldades e com a hostilidade do mundo para ganhar dinheiro e ser socialmente reconhecido. No relato terapêutico, as dificuldades são sempre interiores e, assim, para alcançar o sucesso e a felicidade, o indivíduo deve envolver-se consigo mesmo e vencer seus próprios demônios. Dito de outra forma, o lidar com as

⁶⁰ Referência ao que Illouz (2008) chama de “a cultura americana da individualidade” – “the american culture of selfhood”.

dificuldades e hostilidades do mundo seria, antes, encarar a si mesmo, suas fraquezas psíquicas e emotivas.

Hoje, o discurso terapêutico controla o comportamento, por meio da imposição da ideia de felicidade – o que Illouz e o psicólogo Edgar Cabanas (2018) chamam de *Happycratie*⁶¹ – e da norma dos sentimentos positivos. No entanto, a promessa atual de felicidade nada tem a ver com aquela de Aristóteles ou Espinoza⁶², ela foi substituída pela concepção do humano da psicologia positiva⁶³: o sujeito que busca, utilitariamente, maximizar os benefícios de tudo na vida para o seu bem-estar. Aqui o utilitarismo também não é mais o mesmo, pois não tem como objetivo ampliar o bem-estar geral e coletivo, e sim a busca do indivíduo pela sua própria felicidade, posto que a esta é um objetivo em si mesmo (ILLOUZ 2018). Desse modo, a procura contemporânea pela felicidade colabora com a desagregação do social, pois, ao deixar de ser um bem maior, coletivo, para ser somente uma aspiração pessoal, privada, ela promove a individualidade.

Em conjunto com a imposição da felicidade está a ideia de que todos são capazes de alcançá-la se souberem como fazer uso da positividade, o que cria uma nova forma de responsabilização sobre os indivíduos: são ainda mais donos do seu sucesso ou da sua culpa por se sentirem felizes ou infelizes. “É um encontro formidável para o poder, pois os indivíduos só têm que se preocupar com eles mesmos para melhorar não suas condições de vida, mas seus sentimentos perante suas condições de vida” (ILLOUZ, 2018, p. 2, tradução nossa)⁶⁴. O modo econômico de pensar o pessoal, o social e o cultural procura delegar aos indivíduos uma carga enorme que deveria ser responsabilidade do Estado e, assim, essa colonização do pensamento vai de encontro à manutenção desse sistema alienante e disciplinar que condena todos a uma vida angustiante.

A imposição da felicidade transformou a estrutura psíquica em uma maneira de classificar os atores sociais, criando “hierarquias emocionais” (CABANAS; ILLOUZ, 2018), ou seja, existem os confiantes, otimistas e positivos em oposição aos inseguros, deprimidos e negativos. É por meio desse sistema classificatório que os testes psicológicos avaliam as

⁶¹ Em grego *kratía* compreende o significado de poder, daí *aristokratía* (poder dos nobres), *dimokratías* (poder do povo), etc. Portanto, o termo “*happycratie*” traduz o poder pela imposição da felicidade (ILLOUZ, 2018).

⁶² Na antiguidade clássica, a felicidade estava diretamente ligada à ideia de virtude e bem-estar, enquanto que, na passagem para a modernidade, ela consistia no desenvolvimento da razão e na busca pela verdade. Tanto em uma época quanto em outra, a felicidade está presente enquanto a satisfação da alma.

⁶³ A “psicologia positiva” é a deformação total da vocação da psicologia, pois tem como objetivo formar sujeitos hiperfuncionais e adaptados a todas as instituições e situações sociais (ILLOUZ, 2018).

⁶⁴ C’est un trouvaille formidable pour le pouvoir puisque les individus désormais n’ont à s’en prendre qu’a eux mêmes pour améliorer non pas leurs conditions de vie mais leur sentiment vis-à-vis de leurs conditions de vie (ILLOUZ, 2018, p. 2).

candidaturas nas empresas, por exemplo, e como todos são avaliados nos relacionamentos íntimos, amorosos ou de amizade. Nessa cultura positiva, ocorre um empobrecimento da “ecologia emocional”, pois as emoções negativas são vistas como disfuncionais e improdutivas. Sociologicamente, as emoções negativas são tão importantes quanto as positivas, e isso se faz notar em obras que demonstraram que o medo possibilitou o contrato social, a inveja e a avareza foram responsáveis pela mudança econômica, e a angústia em relação a um deus onisciente, onipotente e onipresente nos tornou dedicados ao trabalho. Portanto, um sentimento ruim para o indivíduo pode se revelar útil ao coletivo.

A ideia de que é preciso trabalhar constantemente o *eu* para desenvolver suas potencialidades positivas escondidas fez com que a realidade psíquica passasse a ser a única realidade a que se tem acesso. Isso levou a uma despolitização da vida social e dos próprios problemas psíquicos, que não são mais entendidos como efeitos ou sintomas do social. A mesma ideologia é também o que preserva a funcionalidade da máquina de consumação de felicidade. A partir de 1960, o projeto de realização de si se tornou central na cultura do consumo, graças à indústria do marketing em desenvolvimento, fazendo prosperar o individualismo e a economia que se utiliza do discurso da felicidade para controlar o consumo de bens e de serviços terapêuticos (ILLOUZ, 2018).

3.2.1 A promessa de felicidade na literatura de autoajuda (relacionamentos amorosos)

A psicologia e a noção de autoajuda teriam se encontrado ainda no século XIX, combinando a concepção freudiana e psicanalítica da cura pela terapia e o *ethos* da autoajuda⁶⁵, que crê no poder que o indivíduo possui em si mesmo para alcançar o sucesso, na sua força de vontade. Essa associação produziu a teoria psicológica do desenvolvimento pessoal⁶⁶, que estabeleceu uma identidade comum de sofrimento neurótico entre patrões e empregados, por exemplo, tornando democrática a ideia de sofrimento. Vale lembrar que, ainda nos anos de 1920, o cinema e a literatura, expressões da “indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), exerceram um importante papel na difusão das ideias psicológicas e de normas afetivas, além de definir o vocabulário pelo qual o *eu* passaria a

⁶⁵ O termo autoajuda obteve grande visibilidade em 1859 com o livro *Self Help* do escocês Samuel Smiles. O autor compilou uma sequência de palestras destinadas a trabalhadores cujo propósito era demonstrar a necessidade do cultivo de bons hábitos para a construção de um bom caráter. O trabalho seria um importante orientador do caráter, visto que desenvolveria a disciplina, a obediência, a consciência, a atenção e a perseverança, valores estimados pela sociedade (MARTELLI, 2006).

⁶⁶ As teorias do “*management*” e da “*inteligência emocional*”.

compreender a si mesmo. Portanto, foi a junção de fatores como o movimento da cura pela mente, a teoria psicológica do desenvolvimento pessoal, o caráter democrático do sofrimento, a influência da indústria cultural e a “revolução das brochuras”⁶⁷ – possibilitando o acesso à linguagem terapêutica pelas classes médias – que consolidou a indústria literária de autoajuda.

Na década de 1950, a legislação norte-americana incentivou o desenvolvimento da psicologia e da psiquiatria voltada para a comunidade, estabelecendo a linguagem terapêutica que, a partir de 1960, se tornou um componente significativo da cultura popular norte-americana. No mesmo período, o envolvimento entre a psicologia e o movimento feminista levou à racionalização das relações íntimas, estabelecendo um estilo privado, racional e metódico de vida afetiva (ILLOUZ, 2011). Dessa forma, o discurso terapêutico elegeu as mulheres como as principais consumidoras do seu aconselhamento, uma vez que histórica e culturalmente foi atribuída a elas a responsabilidade do cuidado da esfera íntima – do casamento, dos filhos, da família como um todo (GUIMARAES, 2016).

O modelo terapêutico de competência afetiva, uma ferramenta da segunda modernidade, age na esfera privada da vida, orientando para a felicidade e para o sucesso, além de auxiliar na construção da relação entre indivíduo e sociedade, buscando cultivar, principalmente, o sentimento de segurança nesse indivíduo fragilizado e sobrecarregado mesmo em condições de profundas incertezas. O discurso terapêutico propagado pelos livros de autoajuda inaugurou, segundo Illouz (2011), uma espécie de nova “ontologia afetiva”, que racionaliza as relações afetivas, transformando-as também em objetos que podem ser negociados e trocados como mercadorias. No entanto, mesmo racionalizando os relacionamentos afetivos, essa nova “ontologia” também intensifica a vida emocional ao enxergar o consumidor como uma unidade emocional.

Foi a noção de saúde atrelada à ideia de realização pessoal que proporcionou a expansão do mercado literário de autoajuda: o *eu* não realizado, insatisfeito e descontente deveria lançar mão da terapia, pois não desfrutaria de boa saúde mental. Assim, comportamentos antes entendidos como normais foram reinterpretados negativamente como derrotistas, neuróticos e doentes. A literatura de autoajuda se tornou uma ferramenta organizacional das percepções de cada um em relação a si e aos outros na vida social e, ao equiparar pacientes a consumidores potenciais, deu origem a um nicho de mercado.

⁶⁷ A “revolução das brochuras” foi o movimento realizado em 1939 pela editora Pocket Books com o objetivo de tornar acessível o custo dos livros ao maior número possível de consumidores (ILLOUZ, 2011).

No entanto, a narrativa da autoajuda, ao invés de se colocar como oposta ao sofrimento psíquico, acabou se constituindo na própria narrativa do mesmo, originando um campo específico, o campo afetivo. No interior do campo afetivo, diferentes atores ligados à saúde acabaram instituindo sub “campos afetivos” (ILLOUZ, 2011) que trabalham sentimentos e competências afetivas na condição de saúde emocional. Em Illouz (2011), campos afetivos são esferas de ação e discurso com regras, objetos e fronteiras próprios, que funcionam edificando, ampliando e mercantilizando o espaço da saúde afetiva, além de controlar a entrada de novas formas de *competências afetivas*, ou seja, de estilos afetivos que não foram definidos e nem oferecidos pelos psicólogos, os principais atores nesse território.

Com a consolidação dos campos afetivos, o comportamento emocional foi convertido em fator determinante da conduta social, principalmente a econômica, definindo a dinâmica da vida e de aumento de capital social. Desse modo, as competências afetivas passaram a ser entendidas na qualidade de benefício social e empregadas de acordo com a mesma ideia de benefício. As competências afetivas, ou inteligência emocional, são, sobretudo, ferramentas de classificação e de distinção capazes de estratificar grupos sociais: o campo afetivo sob o domínio do campo econômico converte estilos afetivos – maneiras de pensar e agir sobre os afetos – em moeda de troca, definindo uma identidade social ideal para tomar posse desse capital. Isso porque “[...] o indivíduo, enquanto sujeito, como valor, não é meramente dado, precisa ser construído e conservado através de um trabalho sobre si mesmo, dialeticamente mediado pela pessoa” (RÜDIGER, 1996, p. 238).

No Brasil, a literatura de autoajuda chegou ainda na passagem para o século XX, em 1891, com as publicações de Smiles (1859) utilizadas como material nas escolas primárias com o intuito de fortalecer a noção de trabalho livre em uma sociedade que acabara de passar pelo processo de abolição da escravatura (PICANÇO, 2013). Mas foi nos anos de 1990 que os livros de autoajuda começaram a configurar as listas de mais vendidos e, em 2000, passaram a uma categoria específica⁶⁸ nas listagens de mais vendidos. Como nos mostra Picanço (2013), o advento do mercado de autoajuda brasileiro se deu com a observação das editoras sobre os autores e os exemplares mais vendidos nos EUA. A partir dos anos de 1980, as editoras passaram a disputar em leilões a tradução dos títulos que já haviam sido *best-seller* nos EUA, publicando também livros nacionais de temática semelhante.

⁶⁸ Nesse período a categoria abrangia também livros esotéricos, espíritas e de frases motivacionais (PICANÇO, 2013).

As editoras, ao criarem o novo nicho, procuraram garantir o retorno financeiro do seu investimento mesmo com o tom negativo com que outras mídias se referiam à autoajuda; e o crescimento contínuo do público dessa literatura fez com que, no início dos anos 2000, as críticas ao estilo literário desaparecessem. Assim, a autoajuda, já abraçada pelo público brasileiro, estabeleceu-se no mercado editorial nacional e passou a ser vista como mais uma maneira de informar, ressignificando a literatura de autoajuda na grande mídia (PICANÇO, 2013). Dados do mercado editorial brasileiro comprovam que o nicho da autoajuda se mantém constantemente lucrativo, atingindo picos de vendas de acordo com os momentos de crise econômica – períodos nos quais a incerteza e a insegurança são sentidas com maior intensidade, impulsionando as vendas dessa categoria. Os títulos de autoajuda correspondem a 30% dos lançamentos anuais no país, de acordo com a Câmara Brasileira do Livro (COUTINHO, 2011). Segundo a Nielsen Bookscan Brasil⁶⁹, a última crise econômica provocou queda de 2,8% nas vendas de livros entre janeiro e setembro de 2015, porém as vendas dos títulos de autoajuda cresceram 5,9% em comparação com o mesmo intervalo de 2014. Conforme a mesma fonte, entre maio e junho de 2017, houve aumento de 6,44% na venda de livros em relação ao mesmo período de 2016, e o gênero autoajuda participou, juntamente com os gêneros de ficção e autobiografia⁷⁰, do saldo positivo das vendas.

De uma maneira global, a literatura de autoajuda consiste em uma das mercadorias mais expressivas do “capitalismo emotivo” e também da “indústria cultural” atual; é o que Illouz (2019) chama de “*emodity*”⁷¹, ou seja, um produto cujas emoções não estão apenas associadas a ele, mas entremeadas de modo a tornarem-se elas mesmas o próprio produto. Em outras palavras, trata-se de uma mercadoria que é consumida pela emoção que promete ao consumidor, mas que, na verdade, será fabricada por ele mesmo⁷² por meio do “trabalho emotivo” sugerido, no caso, pelo discurso da “psicologia positiva”. O discurso psicanalítico que fora endossado pela sociedade de consumo e em seguida pelos publicitários sobre a necessidade da busca pela autenticidade do *eu* é o que motiva os consumidores de mercadorias emocionais como a literatura de autoajuda. No entanto, Illouz (2019) afirma que

⁶⁹ Empresa norte-americana que atua em nove países e há quarenta anos no Brasil fornecendo dados semanais para o mercado editorial com a finalidade de auxiliar os livreiros na publicação, reimpressão e nas respostas às demandas de mercado. Seus dados são obtidos em livrarias, e-commerce e varejistas, sendo analisados elementos como ranking de vendas, faturamento, preço-tabela e preço médio de vendas.

⁷⁰ Entendemos como autoajuda também os livros de orientações espirituais, aqueles escritos por padres, pastores, bispos, e que são voltados para o bem-estar e o sucesso nos relacionamentos.

⁷¹ O termo “*emodity*” é a contração de “*commodity* emocional” (ILLOUZ, 2019).

⁷² Este processo remonta ao que a sociologia do consumo identifica como a ação de consumir e produzir ao mesmo tempo, uma atividade muito rentável para as empresas porque delega ao consumidor a responsabilidade de atingir suas expectativas com o produto (ILLOUZ, 2019).

hoje essa fixação pela autenticidade do *eu* se tornou uma ideia com poder regulador extremamente forte, além de algo economicamente muito vantajoso já que pode ser desenvolvido infinitamente até descobrirmos quem realmente somos.

[...] Para mim, esta ideia de autenticidade é uma das ficções mais importantes do sujeito moderno. Ela foi inaugurada por Rousseau que postulou a existência de uma natureza essencial primordial que a sociedade corrompeu ao lançar sobre ela muitos artifícios. Nessa visão de mundo, os papéis sociais que desempenhamos e que nos definem se tornam suspeitos de não refletir um tipo de essência individual profunda. Uma antítese possível disso, é “O sobrinho de Rameau”, de Diderot, que diz “eu sou uma coisa, eu sou seu contrário, e você não pode nunca saber quem eu sou”. Filosoficamente, para David Hume, de quem estou mais próxima, o eu é uma ilusão metafísica (ILLOUZ, 2019, on-line, tradução nossa)⁷³.

A busca pela autenticidade, pelo conhecimento profundo sobre si mesmo, é uma ilusão que, ao mesmo tempo, ao ser amplamente institucionalizada, fortaleceu-se a ponto de estabelecer práticas econômicas e sociais: antes, as concepções sobre o *eu* e a organização da psique eram estabelecidas pela religião, institucionalizadas pela Igreja; hoje, elas são institucionalizadas, controladas, pelo mercado de consumo e pelas ciências da mente, as “ciências psi” (ILLOUZ, 2019). Posto que são as instituições que dotam de sentido nossas emoções e que nenhuma subjetividade escapa às normas determinadas por elas, ao lançar mão de “*emoditys*” como a literatura de autoajuda, por exemplo, automaticamente se estabelece um paradoxo: o “trabalho emotivo”, orientado, que esse produto oferece tem como objetivo manipular o sentimento genuíno a fim de adequá-lo à estrutura social dominante.

[...] O risco é que nossos sentimentos se tornem o último plano da nossa realidade, e que estejamos nos movendo em direção a uma era inteiramente emotiva, na qual o eu não julga a realidade de sua existência senão através das emoções que ele vive. [...] Se apenas nossas emoções nos fornecerem o sentimento de realidade, isso significa que estamos mais separados dos outros, já que nossas emoções, sejam elas provocadas ou não pelas instituições coletivas, não são vivenciadas e são replicadas apenas no interior da nossa psique (ILLOUZ, 2019, on-line, tradução nossa).

Desse modo, o sujeito contemporâneo, vivendo sua singularidade na busca pela sua essência em uma relação intensa consigo mesmo, trabalha pacientemente, tanto psíquica

⁷³ [...] Pour moi, cette idée d’authenticité est une des fictions les plus importantes du sujet moderne. Elle a été inaugurée par Rousseau qui postulait l’existence d’une nature primordiale essentielle que la société corrompait en jetant sur elle beaucoup d’artifices. Dans cette vision du monde, les rôles sociaux que l’on joue et qui nous définissent deviennent suspects de ne pas refléter une sorte d’essence profonde individuelle. Une antithèse possible de cela, c’est le Neveu de Rameau de Diderot qui dit “jé suis une chose, je suis son contraire, et vous ne pourrez jamais savoir qui je suis”. Philosophiquement, c’est aussi David Hume, dont je suis le plus proche, pour qui le moi est une illusion métaphysique (ILLOUZ, 2019, on-line).

quanto fisicamente, moldando seus corpos e mentes de acordo com a cultura do consumo. Mas esta singularidade, na maioria das vezes, não é percebida, o que faz com que esse sujeito esteja constantemente à procura de outros que reconheçam sua singularidade. É no relacionamento amoroso que isso acontece, pois no amor o outro é quem, ao mesmo tempo, nota em detalhes a personalidade daquele sujeito e o liga à sociedade, confirmando seu valor e fornecendo, assim, sentido para suas relações com o mundo (ILLOUZ, 2013a). Amplamente difundido no Ocidente, o discurso da psicologia positiva de que é possível estabelecer o valor próprio individualmente tornou o reconhecimento algo que não está dado pelo papel social da pessoa, ele precisa ser negociado, merecido, conquistado. Assim, o reconhecimento, até então próprio das relações amorosas⁷⁴, se estendeu para o tecido social, transformando-se em uma ferramenta que permite aos indivíduos perceberem seu valor coletivo e se constituírem, inclusive, enquanto indivíduos.

De acordo com Illouz (2012), hoje o amor é uma experiência completamente moldada pelo social. Portanto, é tudo menos libertadora. Para a autora, a experiência amorosa se tornou muito contraditória, pois, ao mesmo tempo em que exige menos entrega e responsabilidade, mostra-se crucial para o reconhecimento social. Assim, apesar da sua importância, tal experiência encerra dificuldades decorrentes de vários fatores. O primeiro é a ligação moderna entre amor e escolha, ou seja, a transformação sofrida pela “ecologia da escolha” e também pela “ecologia moral da escolha”, isto é, hoje as pessoas não consultam seu círculo privado em relação ao pretendente, mas a decisão ocorre principalmente no ambiente cultural e social⁷⁵. A segunda está no fato de, desde então, os encontros amorosos terem se tornado muito inconstantes, cheios de ambivalências, riscos e incertezas devido à intenção sempre suspensa dos parceiros e à extinção de um código social fixo que oriente a todos em relação à incerteza natural dos encontros amorosos. Em terceiro está a necessidade permanente do casal em negociar dois imperativos contrários no amor: a autonomia individual e a dependência do outro.

A falta de regulamentação das relações amorosas estabelece dúvida sobre o que é justo, legítimo e desejável fazer, causando mal-estar entre o casal (ILLOUZ, 2013b). Hoje, tanto os homens quanto as mulheres mantêm relações múltiplas, paralelas ou sucessivas, ou irão experimentá-las em alguma fase da vida. A ampla escolha sexual, decorrente dos

⁷⁴ Durante a pré-modernidade e a era vitoriana.

⁷⁵ É uma decisão que não depende da opinião familiar como tradicionalmente se dava o processo de eleição de um ou uma pretendente. Hoje, em caso de dúvida, existem as “*emoditys*” culturais como os livros de autoajuda que orientam o indivíduo no processo de decisão.

movimentos sociais dos anos de 1960 e 1970, colocou homens e mulheres no mercado livre e desregulamentado do amor que não os obrigava mais a se comprometerem publicamente. Tal desregulamentação rechaçou a estrutura patriarcal e colocou a sexualidade no centro da dinâmica social, promovendo o prazer feminino e estigmatizando a homossexualidade. Contudo, trouxe também o entendimento de que tudo é permitido no relacionamento amoroso, porque este se tornou um espaço sem regras claramente colocadas e sem constrangimentos – apesar da manutenção das regras éticas fundamentais nos outros domínios da vida como no trabalho, na política, na família, etc. Com a profunda mudança na “ecologia da escolha”, o casamento deixou de possuir uma função econômica e social para se tornar apenas emocional.

No entanto, mesmo o casamento emocional é construído de maneiras diferentes por homens e mulheres devido à autonomia de cada um e também à assimetria existente entre os sexos no “mercado do amor” (ILLOUZ, 2011). O maior tempo dos homens no “mercado do amor” faz deles detentores de maiores possibilidades de escolha, isso fez com que desenvolvessem o que os economistas chamam de “incapacidade para formar uma preferência estável”⁷⁶. As mulheres, por sua vez, como resultado do longo período de exclusão do “mercado do amor”, buscaram culturalmente o reconhecimento da sua singularidade e do seu valor social por meio do relacionamento amoroso, convertendo o amor em um assunto feminino. Como elas continuam sendo menos reconhecidas no trabalho e na esfera pública de um modo geral, elas ainda dependem do sucesso na esfera íntima. Por esse motivo, elas ainda se dedicam mais à relação amorosa e à maternidade. Apesar deste ser um cenário que está lentamente se modificando, as mulheres heterossexuais que não são economicamente e nem socialmente fortes e que, além disso, desejam ser mães são mais vulneráveis às decepções amorosas, porque necessitam de um relacionamento estável para se realizarem enquanto atrizes sociais. É justamente na busca pela orientação de como manter a estabilidade e a felicidade no relacionamento a dois que os livros de autoajuda entram em cena com sua promessa de felicidade.

⁷⁶ Para os economistas é o que acontece quando, em meio a oferta abundante, não se sabe mais o que se está buscando (ILLOUZ, 2013b).

3.2.2 O padrão emocional feminino estabelecido no Brasil pelos *best-sellers* sobre relacionamentos

O mercado global da autoajuda elegeu as mulheres como as principais consumidoras do seu aconselhamento, ainda nos anos de 1950, com a aproximação do discurso terapêutico com o movimento feminista. Uma vez que histórica e culturalmente foi atribuída a elas a responsabilidade do cuidado da esfera íntima, o nicho de mercado da autoajuda voltado para os relacionamentos amorosos reiterou a tendência sexista em manter a mulher enquanto responsável pelo sucesso emocional do relacionamento amoroso, direcionando-a, enquanto um manual de conduta, para o êxito. No entanto, o faz em um novo contexto no qual

[...] A sexualidade tornou-se uma relação social em si mesma, com suas próprias regras e objetivos, autônoma de outras relações sociais. Este processo de empoderamento da sexualidade é tão óbvio em termos de imagens quanto em termos de valores (a sexualidade é um valor em si mesma) ou economicamente (muitos bens de consumo são dedicados a mostrar ou cultivar a sexualidade e a atração sexual). Essa obsessão pela sexualidade se torna seu próprio paradoxo e defeito. Sabemos, por um lado, pela pesquisa, que o hábito e, portanto, o tédio sexual são inevitáveis; mas a sexualidade está se tornando cada vez mais um elemento essencial da definição de bem-estar. Como conciliar esta ideia de bem-estar com desejo e performance sexual? (ILLOUZ, 2016, entrevista)⁷⁷.

Antes do feminismo, as relações amorosas e conjugais se baseavam em narrativas que afirmavam uma relação amorosa mais intensa, mais clara, mas que envolvia homens e mulheres em identidades míticas. O feminismo mudou isso ao exigir que as mulheres se empenhassem na legitimação dos seus direitos e, com isso, desenvolvessem sua autonomia. Desse modo, as relações entre os casais se tornaram mais utilitárias, devendo satisfazer interesses e desejos de ambos. Esse fato trouxe consigo a necessidade da troca negociada entre o casal e o cálculo entre prazer e insatisfação, fatores opostos ao amor incondicional (ILLOUZ, 2013b). Illouz (2016) reconhece a emancipação sexual como um fator importante para o feminismo, mas argumenta que, ao ser dominada por setores de mercado (mídias,

⁷⁷ La sexualité est devenue une relation sociale en soi, avec ses propres règles et buts, autonomes d'autres relations sociales. Ce processus d'autonomisation de la sexualité est autant évidente sur le plan des images que sur le plan des valeurs (la sexualité est une valeur en soi) ou sur le plan économique (beaucoup de biens de consommation sont consacrés à montrer ou cultiver la sexualité et l'attraction sexuelle). Cette obsession de la sexualité devient son propre paradoxe et son propre défaut. On sait d'une part, par de recherches, que l'habitude et donc l'ennui sexuel sont inévitables; mais la sexualité devient de plus en plus un élément essentiel de la définition du bien-être. Comment concilier cette accoutumance à l'autre au désir de performance sexuelle? (ILLOUZ, 2016, entrevista)⁷⁷.

publicidade, moda) – cujo interesse passa por sexualizar os corpos –, a sexualidade independente não é compatível com uma forma estável de relacionamento.

Hoje o valor do indivíduo nos relacionamentos amorosos depende cada vez mais da capacidade que cada um possui de atrair muitos parceiros e, desse modo, acumular experiências sexuais. Porém a serialização sexual e a transformação da sexualidade em qualquer coisa na qual se deve acumular experiências e conquistas coloca o relacionamento na direção oposta à ideia do amor como utopia, provocando frustração e sofrimento para o casal e principalmente para a mulher, em desvantagem no “mercado do amor”. Em meio a inúmeras contradições e seus sofrimentos decorrentes, a literatura de autoajuda para relacionamentos oferece condicionamentos para conciliar as contradições existentes entre o amor romântico e a sexualidade, que define, avalia e legitima os relacionamentos amorosos atualmente. Sendo assim, qual é a ordem amorosa que este “*apparatus*” (MARCUSE, 1998) cultural organiza e qual é o real lugar ocupado pelas mulheres dentro dela? Será ele emancipatório? E como elas entendem esta “*emodity*” em termos de importância em suas vidas?

Esta pesquisa buscou no mercado literário de autoajuda brasileiro os *best-sellers* nacionais voltados para relacionamentos a fim de responder as questões colocadas acima. Os títulos selecionados foram *Mulheres inteligentes, relações saudáveis: o livro que toda mulher deveria ler antes de se relacionar*, de Augusto Cury; *Casamento blindado: seu casamento à prova de divórcio*, do casal Cristiane e Renato Cardoso; e *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, do casal Allan e Barbara Pease. Também foram trabalhados vídeos de resenhas sobre os livros na plataforma de compartilhamentos de vídeos, YouTube, com base no critério de maior número de visualizações.

Augusto Cury é médico psiquiatra, psicoterapeuta, pesquisador e escritor⁷⁸ brasileiro com mais de 25 milhões de livros vendidos no país. Seu livro *Mulheres inteligentes, relações saudáveis: o livro que toda mulher deveria ler antes de se relacionar* (2014), vendeu mais de 500 mil cópias e encontra-se na sua segunda edição. O autor utiliza absolutamente todos os termos e métodos de “trabalho emocional” apontados pela “psicologia positiva”, além de utilizar-se do discurso científico para embasar suas ideias. Na sua visão, é necessário que a mulher, antes de se relacionar com o outro, primeiro se relacione consigo mesma, olhando para si e buscando o autoconhecimento. Afirma não ser possível fazer generalizações sobre o comportamento feminino, mas estabelece, de maneira estereotipada e um tanto

⁷⁸ Informações do site augustocury.com.br

absurda, 14 tipos diferentes de padrões comportamentais⁷⁹, apontando suas respectivas características positivas e negativas. Afirma que, pelo menos em algum momento da vida, todas enfrentarão os padrões definidos. O apontamento dos padrões é, na verdade, o início da autoanálise por parte da leitora que, automaticamente, busca entre os tipos propostos aquele que ela está experimentando naquele momento e entende quais são os sentimentos negativos que ela deve, então, trabalhar dentro de si.

Cury (2014) propõe o gerenciamento das emoções por meio da teoria das janelas da memória. Essa teoria afirma ser através de janelas de memórias de todo tipo, positivas e negativas que enxergamos, interpretamos e reagimos às novas circunstâncias. Assim, ao identificar essas memórias e os sentimentos atrelados a cada uma delas, se torna possível controlar as emoções em situações futuras. Nesse livro o autor responsabiliza claramente as mulheres pelo sucesso do relacionamento amoroso e propõe a elas que sigam suas “leis das relações saudáveis”: 1) exercite o poder do elogio; 2) exercite a arte do agradecimento; 3) exercite a arte de surpreender; 4) exercite o diálogo e o dialogar consigo mesma.

Allan e Barbara Pease são um casal australiano, empresários e autores de vários *best-sellers* internacionais nas áreas de comunicação e relacionamentos⁸⁰. Juntos já venderam mais de 27 milhões de exemplares em todo mundo. Em *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000), com 1,2 milhões de cópias vendidas em todo mundo, os autores afirmam ser a não-aceitação das diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres o problema dos relacionamentos. Com base na teoria evolucionista, eles descrevem situações cotidianas, justificando por meio de fatores anatômicos, fisiológicos e hormonais os comportamentos de ambos os sexos, desconsiderando completamente o papel do meio sociocultural. No entanto, fazem-no também de uma maneira tipificada, caracterizando as mulheres como sentimentais, mais delicadas, intuitivas, carentes, dependentes, etc., com a finalidade de que essas diferenças sejam aceitas para um relacionamento feliz e duradouro.

Ao se respeitar as diferenças que são apenas biológicas, as expectativas seriam diminuídas e as capacidades peculiares de cada sexo seriam valorizadas e aproveitadas ao máximo, sem conflitos nos relacionamentos. Contudo essa visão biologizante é extremamente

⁷⁹ A saber: mulheres analíticas; observadoras; contemplativas; casulos; stop-shop; impulsivas; autônomas-transparentes; hipersensíveis; histriônicas; dissimuladas; coitadistas-conformistas; dependentes; autoritárias; e hiperpensantes-ansiosas.

⁸⁰ Allan Pease também é autor de *Linguagem corporal: como ler o pensamento dos outros pelos seus gestos* (*Body Language - How to read others' thoughts by their gestures*), seu primeiro livro publicado em 1981. Barbara também é empresária. Há trinta anos, a Pease Training International produz cursos que ensinam habilidades de comunicação, linguagem corporal, vendas e negócios para empresas e órgãos governamentais.

machista, pois coloca a sexualidade serial masculina como algo da sua natureza que se torna problemático a partir da monogamia, enquanto afirma a mulher como cuidadora e desejosa de estabilidade e segurança para criar seus filhos, não admitindo a possibilidade da sexualidade serial feminina em nenhum momento do livro. Comportamentos femininos como cuidar e ter filhos enquanto um processo natural e obrigatório apenas faz sentido quando inseridos em contextos passados, já superados.

Os autores, apoiando-se na credibilidade de estudos e dados científicos cujas referências não são apresentadas, recomendam que a mulher, carente que seria de atenção e carinho, proporcione uma relação sexual satisfatória ao seu “parceiro”, porque seria depois do sexo que afloraria o lado mais terno e delicado do homem que tanto a encantaria. Para o casal Pease, o homem é incapaz de demonstrar seus sentimentos de maneira outra que não pelo ato sexual, e aqui o orgasmo é seu critério de satisfação, critério que, para a mulher, seria dispensável. Vê-se também nesse livro a responsabilização da mulher pela saúde do relacionamento, mas de uma maneira resignada e ultrapassada.

Renato Costa Cardoso é bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, apresentador, palestrante e escritor e é casado com Cristiane Bezerra Cardoso, escritora, apresentadora, colunista e palestrante⁸¹. Ambos apresentam o programa de televisão *The love school – A escola do amor*, na RecordTV, no qual, com base em experiências vividas no casamento de mais de vinte anos, aconselham outros casais nos seus relacionamentos. Em *Casamento blindado: seu casamento à prova de divórcio* (2012), livro que vendeu 1 milhão de cópias, o casal, com base em princípios cristãos, também destaca as diferenças biológicas entre homens e mulheres como um dos motivos de desentendimento entre os casais. Extremamente conservadores, os autores apontam como principal responsável pela falência institucional do casamento o “avanço da mulher na sociedade” (CARDOSO, 2012, p. 19). Este teria provocado o aumento das traições femininas à medida que as mulheres se tornaram mais ativas e independentes. Outro fator é a reclamação feminina e a insegurança em relação às outras mulheres. Os conselhos, em sua maioria voltados às mulheres, pedem para que evitem ataques, intrigas, acusações e uso de ironia.

Eles afirmam que o casamento deve ser tratado como uma empresa, ou seja, deve ser racionalizado. Nesse processo, as emoções seriam as piores ferramentas para a resolução de problemas, porque dificultam o diálogo e atrapalha o entendimento entre o casal. Do

⁸¹ Cristiane é filha de Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus e atual dono da RecordTV e do Grupo Record, o quarto maior conglomerado de mídia do país.

mesmo modo estereotipado, o homem é colocado como racional e, portanto, mais equilibrado, enquanto à mulher cabe a parte sentimental. O trabalho emocional aqui está no conselho de que as emoções devem ser controladas com inteligência para que elas não sejam transferidas para o parceiro. Ao racionalizar o relacionamento, detém-se a chave do sucesso que não está em eleger a pessoa certa, mas em agir corretamente: o homem deve ser o líder que controlará a situação, e sua esposa, criada por Deus para ser sua auxiliadora, ajudá-lo-á.

O livro também trata a mulher como um ser essencialmente carente e a aconselha a não implorar a atenção do marido, nem fazer dele o centro de sua vida, pois ela se desvalorizaria quando o faz; a mulher também seria extremamente insegura, e sua autoestima seria muito baixa, é a parte frágil do relacionamento, que necessita de segurança e proteção. No entanto, quando ela olha para si, a mudança acontece e ela se torna atraente e agradável à medida que se adapta ao jeito dele. Para os autores, o movimento feminista teria instaurado o sentimento de ódio contra os homens que passaram, então, a serem vistos como opressores. Mas como seriam opressores se as condições dadas até então eram naturais? Nesse sentido, a relação sexual é para eles um prazer físico, mas para elas é a expressão da intimidade, então, para que estes opostos sejam conciliáveis é importante que ela nunca rejeite o marido, e que ele a faça se sentir amada.

Os três livros estabelecem uma ordem social na qual as mulheres continuam sendo as maiores responsabilizadas pelo sucesso do relacionamento a dois, sendo exigido delas um trabalho emocional que caminha, de maneira confusa e contraditória, no sentido da resignação e da aceitação de características que foram naturalizadas para satisfazerem à necessidade de manutenção de um *status quo* há muito superado. O perigo está justamente na alienação que a vida emocional coloca para essas mulheres que, ao viverem voltadas para si, organizando seus sentimentos, perdem a capacidade de avaliar sua realidade social, fazendo com que se tornem frágeis e vítimas de discursos machistas e retrógrados como os contidos nas “*emoditys*” avaliadas aqui. Os depoimentos registrados no YouTube refletem a vulnerabilidade dessas consumidoras que entenderam esses discursos enquanto capazes de “transformar a vida e o modo de ver o mundo”.

4 CONCLUSÃO

O pensamento de Illouz (2008) vem provar o contrário do que se costumava conjecturar acerca do futuro do capitalismo: ele não nos transformou em robôs pelo excesso de racionalidade e performatividade exigidas constantemente, mas em sujeitos hiperemocionais. Com a racionalidade e o discurso terapêutico da “psicologia positiva” (ILLOUZ, 2011) invadindo e colonizando as esferas privadas da vida, os indivíduos se fecharam em si mesmos e perderam a capacidade de julgar as próprias vidas, explicar suas ações, vontades, desejos e frustrações sem que isso se dê fora de uma perspectiva emocional, psicológica. Desse modo, um mercado emocional especializado é desenvolvido para que esses indivíduos encontrem em “*emodity*s” (ILLOUZ, 2019) a ajuda psicoemocional que acreditam necessitar para alcançarem a felicidade. É na esfera coletiva do consumo desses produtos que o indivíduo atomizado e privado realiza sua busca de maneira isolada pelos pontos de referência, promessas de felicidade e fórmulas de sucesso, confirmando e ressignificando a *Erlebnis*, descrita por Benjamin (1994), ainda na primeira metade do século XX. Na nova *Erlebnis*, o controle emocional realizado pelos produtos ofertados pelo capitalismo emocional elabora um significado e um estilo de vida que possibilitam a formação de um repertório cultural compartilhado, desempenhando uma função disciplinar e compatibilizado as emoções com a cultura dominante. Foi o que traduziram as análises dos exemplares de autoajuda brasileiros sobre relacionamentos *best-sellers*: a cultura dominante permanece machista, sexista e domina a subjetividade feminina também por meio do “trabalho emocional” (HOCHSCHILD, 1979) incentivado por essa “*emodity*” (ILLOUZ, 2019) específica.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

APPADURAI, A. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1996.

BAUMAN, Z. *Bauman, o della paura*. Nuovi Argomenti. Arnoldo Mondadori Editore, Milano, v.5, n. 44, out./dez. 2008. Entrevista concedida a Stefano Iucci.

_____. *Consuming life*. Journal of Consumer Culture. SAGE, Londres, v.1, n. 1, p. 9-29, out. 2001.

BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences*. Londres: Sage, 2002.

BENJAMIN, W. *Experiência e pobreza*. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Iluminaciones*. Madrid: Taurus, 1972.

BOBBIO, N. *et al. Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

BODEI, R. *Destini personali. L'età della colonizzazione delle conscienze*. Milano: Feltrinelli, 2009.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CARDOSO, R. e C. *Casamento blindado: o seu casamento à prova de divórcio*. São Paulo: Thomas Nelson, 2012.

CARNEVALI, B. *Le apparenze sociali: Una filosofia del prestigio*. Bologna: Il Mulino, 2012.

CHAUI, M. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COSTA, S. *Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia*. *Novos Estudos – CEBRAP*, n. 73, nov., 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-330020055000300008>. Acesso em: set. 2016.

COUTINHO, L. F. de F. *A representação da figura pós-feminista em livros de autoajuda: um estudo de caso dos livros. Por que os Homens se casam com as manipuladoras e Por que os homens amam as mulheres poderosas*. 2011. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CURY, A. *Mulheres inteligentes, relações saudáveis: o livro que toda mulher deveria ler antes de se relacionar*. Colina: Editora Academia de Inteligência, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Anti-Oedipus, Capitalism and Schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977.

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EHRENBERG, A. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. São Paulo: Ideias e Letras, 2010a.

_____. *La fatigue d'être soi: depression et société*. Paris: Odile Jacob, 2008.

_____. *La société du malaise: le mental et le social*. Paris: Odile Jacob, 2010b.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978 – 1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2007.

- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GALLI, C. *Political Spaces and Global War*. London: University of Minnesota Press, 2010.
- GALLINO, L. *Finanzcapitalismo: la civiltà del denaro in crisi*. Torino: Einaudi, 2011.
- _____. *La lotta di classe dopo la lotta di classe*. Roma; Bari: GLF Editore Laterza, 2012.
- _____. *Vite rinviate: lo scandalo del lavoro precario*. Roma: Laterza, 2014.
- GIDDENS, A.; SUTTON, P. *Conceitos essenciais da Sociologia*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- GUIMARAES, N. A. Casa e mercado, amor e trabalho, natureza e profissão: controvérsias sobre o processo de mercantilização do trabalho de cuidado. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 46, p. 59-77, abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332016000100059&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 set. 2017.
- HAN, B.-C. *A sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- HOCHSCHILD, A. R. *Emotion, Feeling Rules, and Social Estructure*. *American Journal of Sociology*, v.85, n. 3, p. 551-575, nov. 1979. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2778583>>. Acesso em: 16 set. 2017.
- _____. *The managed heart: commercialization of human feeling*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2003.
- HORKHEIMER, M. *Teoria crítica*. Buenos Aires: Amorroutu, 1974.
- ILLOUZ, E. *Consuming the romantic utopia: love and the cultural contradictions of capitalism*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1997.
- _____. *Emotions, imagination and consumption: a new research agenda*. *Journal of Consumer Culture*. v.9, n.3, p.377-413, nov. 2009a. Disponível em: <http://joc.sagepub.com/content/9/3/377.full.pdf+html>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

_____. *Intervista a Eva Illouz: la fredda intimità*. Sottoosservazione's Blog, 2009b. Disponível em: <<https://sottoosservazione.wordpress.com/2009/09/25/intervista-a-eva-illouz/>>. Acesso em: 8 mai. 2016. Entrevista concedida a Benedetto Vecchi.

_____. *La liberte organisée de l'amour*. *Diogène*. 2013/1, n. 241, p. 115 a 120. Entrevista concedida a Barbara Carnevali e Emanuele Coccia.

_____. *Rencontre avec Eva Illouz La souffrance amoureuse a des causes sociales*, 2016. Disponível em: <<https://moncarredesable.com/rencontre-avec-eva-illouz-sociologue-ecrivain-partie-2/>>. Acesso em: 20 abr. 2016. Entrevista concedida a Élodie Maurot.

_____. *Les sentiments du capitalisme*. Paris: Seuil, 2006. *Emotions, imagination and consumption: a new research agenda*. Journal of Consumer Culture. The Author(s), v.9, n.3, p. 377-413, nov. 2009. Disponível em: <<http://joc.sagepub.com/content/9/3/377.full.pdf+html>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

_____. *L'injonction au Bonheur est une trouvaille formidable pour le pouvoir*, 2018. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/m-perso/article/2018/08/28/eva-illouz-l-injonction-au-bonheur-est-une-trouvaille-formidable-pour-le-pouvoir_5346894_4497916.html>. Acesso em: 28 ago. 2018. Entrevista concedida a Nicolas Santolaria.

_____. *Love and its discontents: irony, reason, romance*. Hedgehog Review. Institute for Advanced Studies in Culture University of Virginia. V.12, n.1, p. 18-32, mar. 2010.

_____. *Nos sociétés sont devenues des usines à émotions*, 2019. *L'obs*. Paris: Disponível em: <<https://www.pressreader.com/france/l-obs/20190131/textview>>. Acesso em: 05 fev. 2019. Entrevista concedida a Marie Lemonnier.

_____. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. *Oprah Winfrey and the glamour of misery: an essay on popular culture*. New York: Columbia University Press, 2003.

_____. *Pourquoi l'amour fait mal: L'expérience amoureuse dans la modernité*. Paris: Essais, 2012.

_____. *Saving the modern soul: therapy, emotions and the culture of self-help*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2008.

_____. Tourments d'hier, tourments d'aujourd'hui. *Les Grands Dossiers des Sciences Humaines* setembro-outubro-novembro. 2013. n. 32, p. 28 a 31. Entrevista concedida a Nicolas Journet.

ILLOUZ, E., CABANAS, E. *Happycratie: comment l'industrie du bonheur a pris le contrôle de nos vies*. Paris: Premier Parallèle, 2018.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LOSURDO, D. *La sinistra assente. Crisi, società dello spettacolo, guerra*. Roma: Carocci, 2014.

LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

MARCUSE, H. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997-1998.

_____. *One-dimensional man: studies in the ideology of advanced industrial society*. London: Routledge & Kegan Paul, 1964.

MARRAMAIO, G. *Tras Babel: identidad, pertenencia y cosmopolitismo de la diferencia*. Santiago: Naciones Unidas, CEPAL, 2009.

MARTELLI, C. G. *Autoajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso*. Araraquara, 2006.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

PEASE, A. e B. *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PEUDENIER, C. *Fiche de lecture: Les sentiments du capitalisme – Eva Illouz*. Paris: HEC, Majeure Alternative Management, avr., 2008. Disponível em: <http://appli6.hec.fr/amo/Public/Files/Docs/56_fr.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2017.

PICANÇO, M. F. *O poder da solução*. A construção do mercado de literatura de autoajuda (voltada a negócios). 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

POLANYI, K. *A Grande transformação: As origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

RÜDIGER, F. *Literatura de autoajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

SAFATLE, V. P.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. I. L. *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SASSEN, S. *Expulsions: brutality and complexity in the global economy*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2014.

ZUIN, J. C. *Dossiê: Sociologia e literatura nas diversas formas e fases da modernidade*. Revista Estudos de Sociologia. v.23, n.44, p.189-194, jan/jun 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/issue/view/693/showToc>. Acesso em 13 set. 2018.